UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA
MESTRADO EM AGROECOLOGIA

MÁRCIO FERNANDES ALVES LEITE

IMPACTOS DO USO DA TERRA E DO REGIME DO FOGO NA BIOMASSA AÉREA E NA QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO SOLO EM FLORESTAS ESPONTÂNEAS E EM AGROFLORESTAS DA AMAZÔNIA ORIENTAL

São Luís - MA
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA
MESTRADO EM AGROECOLOGIA

IMPACTOS DO USO DA TERRA E DO REGIME DO FOGO NA BIOMASSA AÉREA E NA QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO SOLO EM FLORESTAS ESPONTÂNEAS E EM AGROFLORESTAS DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Agroecologia da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção de título de Mestre *strictu sensu* em Agroecologia

Orientador: Prof. Dr. Christoph Gehring

São Luís - MA
2014

Márcio Fernandes Alves Leite

IMPACTOS DO USO DA TERRA E DO REGIME DO FOGO NA BIOMASSA AÉREA E NA QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO SOLO EM FLORESTAS ESPONTÂNEAS E EM AGROFLORESTAS DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

____

Prof. Dr. Christoph Gehring (Orientador)

____

Prof. Dr. Thierry Desjardins (IRD - França)

____

Prof. Dr. Guillaume Xavier Rousseau (UEMA)

São Luís - MA
2014

Ao Prof. Flávio, pelos seus eventos estáveis.
Ao Prof. Christoph, por alguns eventos instáveis
E à minha família, por permanecer estável
em meio a todos esses eventos.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

"Nunca se vence uma guerra lutando sozinho" cantava certo maluco beleza lá pelas bandas de 1979. Não poderia estar mais certo, muitas guerras são travadas todos os dias, nem todos são vencidas, mas não se trata de vencer ou perder e sim de se estar ao lado das pessoas nessa luta. Como me ensinou certa vez o Prof. Jorge Leão, podemos olhar para frente e enraivecer ao constatar que há pessoas que são muito mais favorecidas do que nós. Podemos, ainda, olhar para trás e nos conformar, ao perceber que também há aqueles que estão em situação muito pior do que a nossa. Mas, só quando olharmos para os lados e descobrimos que não estamos só é que se pode fazer a diferença. Juntos podemos ajudar quem está atrás, juntos podemos chegar à frente, ou chegar a algum outro lugar talvez até melhor do que o de quem está na frente. Assim, sabendo que "é sempre mais fácil achar que a culpa é do outro, evita o aperto de mão de um possível aliado", deixei de lamentar para as paredes do quarto só para dormir tranquilo, e fui dobrar os sinos, pois sabia no fundo do peito que não era nada daquilo.

Na minha guerra pessoal chamada de dissertação não lutei sozinho, tive muita ajuda e a esses guerreiros que mesmo travando suas próprias batalhas estavam dispostos a me auxiliar é destinado esse espaço, para deixar registrado a todos que por ventura (ou desventura) entrem em contato com este material que não há aqui o menor sinal de trabalho individual e sim o resultado de múltiplas interações, as quais sou incapaz de mensurar o quão importantes foram. Por isso, sou tenho a agradecer, já que eles fizeram por mim muito mais do que um dia serei capaz de retribuir.

Agradeço ao meu orientador Prof. Christoph Gehring e ao meu co-orientador o Prof. Flávio Henrique Reis Moraes, pela atenção e esforço dedicado a esse trabalho, especialmente na etapa final de composição do artigo. Eu devia imaginar que se o negócio era ser multi-tarefas não poderia resultar em outra coisa que não terríveis análises multivariadas.

Aos colegas de pesquisa Henry Mavisoy Muchavisoy, Ernesto Gomez Cardozo e Marcelo Luís Corrêa Zelarayán, pelo apoio no trabalho de campo e suporte na análise de dados, pelas boas conversas (por vezes etílicas, mas sempre produtivas), e ao Prof. Guillaume Xavier Rousseau pela ajuda com o software R e pelas valorosas contribuições nessa dissertação.

À Raycenne Rosa Leite pela companhia nos momentos finais e mais tensos, quando eu havia me tornado o sujeito mais chato do mundo, por conversar sobre outras coisas que não artigos e estatísticas, por se tornar uma semi-deusa de Nova Ether e por ser a pessoa que melhor cuidou dos meus livros.

Ao meu amigo Ronildson Lima Luz, colega de laboratório, companheiro de idéias, viajante do tempo, ex-alquimista da esquiva perfeita, Doorbreaker e orc de Gruumsh, herói aos finais de semana e um amigo nesse mundo e em todos os outros.

A André Luiz Raposo Barros, o amigo mais legal que já fiz, que dos três espíritos herdou aquele que rende as melhores histórias. Ao meu ilustre colega Roberto Lima da Silva,

por encurtar longas caminhadas e acelerar morosas esperas, amigos que com simples conversas são capazes de alterar a curvatura do tempo e do espaço são raros.

A todos os colegas da minha turma de Agroecologia: Elizabeth Araújo Costa, Júlio César Bravo Medina, Letícia Moura Ramos, Maria de Jesus de Sousa Silva, Pedro Ivo Menezes Bitú, Robson Jardellys de Souza Maciel, Rozalino Antônio Aguiar Júnior, Servio Robinson Cabezas Morillo, Stefania Pinzón Triana e Vinícius Ribamar Alencar Macedo, pelo apoio nas aulas, trabalhos e por compartilhar momentos de sofrimento, de esforço e de alegria. Pessoas que olharam para os lados e me aceitaram a caminhar com elas.

Aos demais colegas da turma de Agroecologia 2013, em especial Hulda Rocha e Silva, pelo imenso apoio nas coletas de campo, Marta Jordana Arruda Coelho e Virley Gardeny Lima Sena pelas aulas de destilação e análise de nitrogênio e a Alexandra Rocha da Piedade, pois “o essencial é invisível aos olhos”.

A todos os funcionários do Programa de Agroecologia, por toda ajuda, pelos sorrisos e pelo cafezinho e aos demais Professores do curso, pelas aulas extramente enriquecedoras que me ajudaram a sobreviver a todo esse processo tenebrosos que foi escrever essa dissertação.

A todos os guerreiros, bárbaros, caçadores, ladinos, magos, feiticeiros, druidas, bardos e clérigos que viveram, lutaram, trapacearam, morreram e nem sequer existiam, mas tornaram a vida no mundo real um pouco mais suportável.

Por último e o mais importante, agradeço a minha família, pelo ontem, pelo hoje e para sempre.

Com tantas pessoas que me ajudaram nessa jornada fica difícil dizer o que há de verdadeiramente meu nesse trabalho, sou tão incapaz de determinar isso que a qualquer um que venha me perguntar “Mas o que foi mesmo que você fez?” minha única resposta será a mesma de Chicó em o Auto da Compadecida: “Não sei, só sei que foi assim!”.

"Quando você elimina o impossível, o que restar,
não importa o quão improvável, deve ser a verdade"
(Sherlock Holmes, personagem de Sir Arthur Conan Doyle)

SUMÁRIO

RESUMO

A presente pesquisa reúne uma ampla quantidade de indicadores de biomassa aérea, de serrapilheira e de físico-quimica da camada superficial do solo (0-20 cm) comparando diferentes tipos de vegetação da Amazônia oriental. Estudou-se três tipos de sistemas agroflorestais (capoeiras enriquecidas, quintais agroflorestais e sistemas comerciais), abrangendo desde os de estrutura mais simples aos sistemas de subsistência mais complexos e biodiversos, que foram comparados com três tipos de florestas de vegetação espontânea (capoeiras jovens, adultas e florestas maduras) através de ANOVA um fator, regressões lineares e não lineares e análise estatística multivariada de componentes principais, análises entre classes e de co-inércia. Também foi possível isolar os efeitos das diferentes formas de uso do fogo (capoeiras de primeiro vs múltiplos ciclos de corte-e-queima, e o caso particular do sistema de varrição-e-queima presente nos quintais agroflorestais). As agroflorestas diferiram das florestas espontâneas apresentando menores valores de biomassa no sub-bosque, maiores valores de pH e teores de cálcio no solos dos sistemas agroflorestais comerciais, bem como maiores concentrações de potássio no solo dos quintais agroflorestais. A vegetação do dossel influenciou negativamente o sub-bosque ($r^2=0,20$, $p<0,05$), mas não teve influência significativa sobre a camada de serrapilheira. A análise de componentes principais indica uma sequência sucessional ao longo do tempo de pousio e entre os sistemas estudados, no qual os quintais agroflorestais foram o grupo que esteve mais próximo das florestas maduras. De acordo com a análise multivariada entre classes, as diferentes formas de uso do fogo correspondem a 39,7% da variação total dos dados e segunda a análise de co-inércia a biomassa das plantas está mais fortemente relacionada com o solo nas áreas de florestas naturais (coeficiente de correlação multivariada de 75.5%). Múltiplos ciclos de corte-e-queima causam um incremento na concentração de cálcio na camada superficial do solo e o sistema de varrição-e-queima dos quintais agrofloretais está associado a altos teores de potássio e "hotspots" de fósforo disponível no solo. Esses resultados confirmam o status dos quintais agroflorestais como uma forma de uso do solo sustentável, devido a sua capacidade combinada de manter elevada biomassa e disponibilidade de nutrientes no solo.

Palavras Chave: Quintais agroflorestais, capoeiras enriquecidas, sistemas agroflorestais comerciais, floresta secundária, sistema corte-e-queima, varrição e queima.

1. INTRODUÇÃO

O manejo antrópico explorativo e insustentável resulta em diferentes graus de degradação da vegetação e do solo (LU et al., 2007). No Maranhão e nos trópicos úmidos do mundo inteiro, as causas principais disto são os múltiplos ciclos de agricultura itinerante de derruba-e-queima com períodos de pousio cada vez mais curtos, pastos extensivos de longo uso e a ocorrência frequente de queimadas (GEHRING, 2006). Degradação antrópica da vegetação causa degradação da qualidade físico-química do solo (GEISSEN et al., 2009).

Por outro lado, esforços de recuperação da vegetação através de plantios de restauração e sistemas agroflorestais (SAFs) proporcionam melhorias na qualidade físico-química do solo (MARSCHNER et al., 2006). O conceito de sistemas agroflorestais se desenvolveu a partir da concepção de que o uso do solo agrícola combina seja em escala temporal ou espacial arranjos de diferentes componentes, onde árvores perenes são usadas em conjunto com culturas agrícolas e/ou animais, de modo a obter tanto ganho econômico como intensificação das relações ecológicas (NAIR, 1985;1991; GARCÍA-BARRIOS; ONG, 2004; PINHO et al., 2012). Esse tipo de sistema apresenta-se como alternativa sustentável ao sistema de corte-e-queima no trópico úmido, com a oferta de produção mais estável e com menor risco de pragas ou mesmo custo de mão-de-obra (POLLINI, 2009; SHIBU, 2009), graças a fatores como complexação de nichos, bombeamento de nutrientes e redução das perdas por lixiviação (GEHRING, 2006; MOÇO et al., 2010).

O termo agrofloresta descreve a prática de uso da terra em que tanto árvores quanto culturas agrícolas são combinadas no mesmo campo (QUINKENSTEIN et al., 2009). Dependendo da sua estrutura podem ser classificados como sistemas agrosilviculturais (árvores e cultivo), silvopastoris (animais de pastio e árvores) ou agrosilvopastoris (cultivo, árvores e animais de pastio) (NAIR, 1985). A integração dessas diferentes formas de manejo gera uma série de benefícios para as plantas cultivadas, os animais, para ciclagem de nutrientes e água, o microclima e a biodiversidade, resultando em melhoria econômica e proteção ambiental (NAIR, 2013).

O espectro destes SAFs é enorme e abrange diferentes componentes agrícolas, florestais e frequentemente também de produção animal, com origens contrastantes (tradicionais / ‘modernos’) e com finalidades diferentes (subsistência / comercial) (NAIR, 1991). Consequentemente existem também grandes diferenças na intensidade de manejo, na complexidade estrutural e funcional, na biodiversidade espontânea e manejada e em última consequência na sustentabilidade ecológica e social destes sistemas (SCHROTH; HARVEY, 2007), todos esses fatores acabam por afetar de maneira distinta a qualidade dos solos locais (SCHROTH et al., 2001).

Sendo assim, os estudos de qualidade do solo buscam a seleção e avaliação de indicadores que possibilitem fornecer informações sobre a capacidade específica de um determinado solo exercer suas funções ecológicas, tais como, sustentação de plantas e animais, a produtividade ecológica, manutenção ou melhoria da qualidade do ar e da água, e servir de subsídio para a melhoria da qualidade de vida humana e sua habitação (KARLEN et al., 2003).

A avaliação da qualidade físico-química do solo pode ser feita de forma a priorizar os objetivos do manejo, identificando as funções críticas necessárias para alcançar esse objetivo e selecionando indicadores que forneçam informações sobre cada função específica em estudo (KARLEN et al., 1997; LETEY et al., 2003). Além disso identificar as relações da vegetação com o solo é crucial para compreender as transformações dos ciclos de nutrientes tanto para compreender a dinâmica da regeneração de capoeiras (DAVIDSON et al., 2004; COMTE et al., 2012) quanto para desenvolver um manejo otimizado dos recursos locais, principalmente para o caso dos sistemas agroflorestais (DAS; DAS, 2010; PINHO et al., 2012).

Desse modo, diante da necessidade de manutenção da produtividade agrícola em face do ciclo degradante da agricultura itinerante, do desmatamento e suas potenciais consequências das mudanças climáticas, erosão, a degradação do solo e outros problemas ambientais (MOURA et al., 2013), as agroflorestas tem atraído demasiado interesse e despontado como uma alternativa de uso do solo com grande viabilidade para a agricultura familiar (GARCÍA-BARRIOS; ONG, 2004).

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O ECOSSISTEMA SOLO

O solo é um sistema biológico composto por uma fase sólida formada por constituintes minerais e orgânicos (plantas, organismos vivos, matéria orgânica, plantas e animais em decomposição), rodeados de água e ar (VAN BREEMEN, 2004; VERHOEF, 2004). Representa um sistema vivo e dinâmico, como consequência da contínua interação entre os fatores bióticos (planta, animais e microrganismos) e abióticos (clima, rocha, relevo e tempo) (VERHOEF, 2004). Devido ao tremendo número de processos biológicos ativos, solos são de crucial importância para a manutenção de outros ecossistemas na biosfera continental.

Diante disso, é interessante observar que essas mesmas características tornam-se o principal empecilho para a introdução de tecnologias de manejo biológico, uma vez que efeitos da ação antrópica no solo são, em geral, muito difíceis de prever (LARSON; PIERCE, 1994; KARLEN et al., 1997; LETEY et al., 2003). Cada solo apresenta uma capacidade distinta no desenvolvimento de suas funções para a sustentação da produtividade biológica (LETEY et al., 2003), sendo limitada pelos recursos nele existentes (VAN BREEMEN, 2004) e a eficiência da ciclagem de nutrientes dos componentes bióticos (CUEVAS; MEDINA, 1988; VAN NOORDWIJK; GARRITY, 1995). Diversos fatores físicos e químicos atuam simultaneamente determinando as condições ambientais, que são dinâmicas devido a essa interação (LIU et al., 2006).

Nesse contexto, para que se permita o estudo dos impactos do uso do solo no seu funcionamento e na sua capacidade de recuperação torna-se necessário o uso de indicadores de qualidade do solo e a comparação de sistemas de manejo (KARLEN et al., 2003), de modo a permitir identificar fatores de degradação e potenciais alternativas que possam melhorar as forma de uso da terra.

2.1.1 Indicadores de qualidade do solo

O uso de indicadores de qualidade visa obter de informações acerca das funções do solo e exige o uso de um conjunto de parâmetros de natureza físico-química e biológica, de modo a tornar possível a interpretação mais correta da eficácia do funcionamento do sistema solo (KARLEN et al., 1997).

Os estudos sobre a qualidade do solo se desenvolveram inicialmente diante da possibilidade do estabelecimento de um índice de qualidade do solo, um valor ou mesmo ainda um conjunto de variáveis facilmente mensuráveis que pudessem servir como ferramenta de diagnóstico das condições do solo, seu estado de degradação ou conservação e potenciais de uso, ou seja, a capacidade do solo de exercer funções (SPOSITO; ZABEL, 2003).

Entretanto esses estudos esbarraram em algumas dificuldades. O conceito de índice de qualidade do solo começou a ser continuamente desenvolvido e debatido pela comunidade científica, mas sua aplicabilidade foi revelando de cada vez menos valor prático (LETEY et al., 2003). Por um lado, sintetizar a informações dos diferentes parâmetros do solo em um único valor pode contribuir para uma maior facilidade de interpretação dos efeitos das diferentes formas de manejo e até mesmo estipular níveis críticos que serviriam para orientar as formas de uso do solo visando uma menor degradação (KARLEN et al., 2003). Por outro lado, uma mesma propriedade do solo pode ser estimulante para um determinado uso ou função e prejudicial para outro o que dificulta o estabelecimento de um único método, ou equação para a determinação do valor desse índice (LETEY et al., 2003).

Isso torna necessário interpretar um mesmo índice de diferentes maneiras ou até mesmo ponderar a equação de cálculo desse índice para determinados tipos distintos de usos, de tal forma que, o fato de existir um único valor para a qualidade do solo não simplifica a análise de sua capacidade de exercer suas funções, podendo até mesmo mascarar alguns dos potenciais impactos prejudiciais de certas formas de uso. Assim, é muito mais proveitoso e informativo o estudo de múltiplos indicadores seguidos de uma interpretação mais holística com visão voltada para o uso ao qual esse solo foi ou será destinado. Essa análise pode ser feita com a adoção de métodos de análise multivariada (SHUKLA et al., 2006).

Portanto, para que os indicadores de qualidade do solo possam proporcionar um maior conjunto de informações devem permitir identificar (i) os mecanismos de manutenção dos serviços ecossistêmicos, (ii) as relações entre os componentes do ambiente (vegetação, microrganismos, ou seja, as relações do sistema solo-planta-microrganismos) e (iii) ser sensíveis as diferentes impactos das ações antrópicas sejam elas degradantes ou de conservação.

Isso pode ser feito de duas maneiras: a primeira consiste em selecionar um conjunto mínimo de variáveis que habilitem a classificar os diferentes sistemas (LARSON; PIERCE, 1994; GOVAERTS et al., 2006), já a segunda, ao invés de trabalhar com uma lista predefinida de indicadores adota uma seleção daqueles de maior relevância (agro)ecológica as condições específicas do local de estudo (MASERA; LÓPEZ-RIDAURA, 1999).

Apesar desses distintos critérios de seleção, os indicadores muitas vezes são os mesmos, principalmente em função da necessidade de comparar as avaliações feitas, seja entre sistemas ou mesmo a dinâmica de um mesmo sistema ao longo do tempo. Assim, é possível identificar os indicadores de qualidade do solo mais usuais, que segundo revisão feita por Rousseau et al. (2012), são: matéria orgânica do solo, carbono na biomassa, densidade do solo, bases (Ca, K, Mg, Na, Al), capacidade de troca catiônica (CTC) e pH. Além deles, podemos mencionar ainda os teores de fósforo, nitrogênio, micronutrientes (Fe, Zn, Mn e Cu, por exemplo) e outros fatores físicos, tais como, capacidade de aeração, resistência a penetração e dia de stress hídrico; e fatores biológicos principalmente biomassa e diversidade de microrganismos e macrofauna do solo.

Desse modo, há uma diversidade de indicadores de qualidade do solo com sensibilidade distinta as mais variadas formas de manejo do solo. Entretanto, ainda há a necessidade de entender como os diferentes componentes do ecossistemas interagem com as mudanças ocorridas nas formas de uso do solo (ROUSSEAU et al., 2012). Nesse ponto, há uma considerável ausência de estudos que visam interpretar os mecanismos de interação dos fatores bióticos e abióticos do solo (avaliados por meio dos indicadores de qualidade) e a biomassa vegetal, temática esta que é objeto de estudo do denominado sistema planta-solo (VAN DER PUTTEN et al., 2013). Apesar de pouco estudado, essas interações apresentam grande relevância para um melhor entendimento do funcionamento dos ecossistemas e das formas de uso do solo.

A qualidade do solo nos sistemas tropicais, por exemplo, tem estreita relação com a sustentação da diversidade acima e abaixo do solo, portanto a eficiência da ciclagem de nutrientes é fundamental para a manutenção da produtividade biológica desses ambientes. O principal mecanismo para isso está na liberação de nutrientes via serrapilheira e raízes (CUEVAS; MEDINA, 1988; VAN NOORDWIJK et al., 1996), o que torna a floresta nativa praticamente insubstituível quanto a sua capacidade de ciclar nutrientes e preservar a biodiversidade tropical (GIBSON et al., 2011), sendo geralmente considerada padrão de equilíbrio ecológico e comumente adotada em estudos de comparação de sistemas de manejo do solo.

2.2 O MANEJO DO SOLO NO TRÓPICO ÚMIDO: PROBLEMAS AMBIENTAIS DO SISTEMA CORTE-E-QUEIMA E A ALTERNATIVA DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS

Segundo Gehring (2006), existe uma séria dicotomia entre a alta produtividade biológica dos ecossistemas naturais do trópico úmido e a baixa produtividade e sustentabilidade da agricultura familiar nas regiões do trópico úmido, sendo essa disparidade o grande desafio para o desenvolvimento local. O principal empecilho reside na dificuldade de adotar tecnologias capazes de transformar essa produtividade biológica elevada em produção agrícola em quantidade suficiente para melhorar a situação socioeconômica dessas famílias.

Nesse contexto, o manejo adequado dos solos deve ser a principal preocupação dos que se dedicam a esse desafio, uma vez que, a combinação dos fatores climáticos e a fragilidade dos solos do trópico úmido exigem práticas e processos diferenciados da agricultura convencional para a garantia de rentabilidade e sustentabilidade (MOURA et al., 2013).

2.2.1 A agricultura itinerante do sistema de corte-e-queima

A agricultura itinerante no trópico úmido se caracteriza pelo uso do fogo para mineralização rápida dos componentes da floresta, limpeza da área, eliminação de ervas adventícias e fertilização do solo (KASS; SOMARRIBA, 1999), sendo considerada uma forma de manejo racional e tradicional dos solos da região (COMTE et al., 2012).

O sistema corte-e-queima, apesar de se mostrar uma forma de uso do solo capaz de produzir alimento com baixo uso de insumos agrícolas e mão-de-obra (KLEINMAN et al., 1995), não se mostra mais capaz de atender as exigências por produção agrícola, principalmente em função da necessidade de longos períodos de pousio após o cultivo da área, necessários para que a área utilizada possa recuperar sua estabilidade inicial antes que possa voltar a ser utilizada (BRADY, 1996; MOURA et al., 2013).

Além disso, esse tempo de pousio passou a se tornar cada vez mais curto com o crescimento populacional que acarretou aumento na demanda por área agricultável, o que resultou no denominado por Gehring (2006) de “círculo vicioso” de degradação. Como consequência dessa alteração na forma tradicional de manejo da agricultura itinerante nessas áreas, tem-se o empobrecimento do ecossistema e perda da qualidade do solo (MOURA et al., 2009), resultando na degradação ambiental dos solos locais (HAUSER; NORGROVE, 2013). Associado a isso temos sérias consequências econômicas, como a redução da produtividade agrícola e aumento da pobreza rural (VARMA, 2003).

Como alternativa a esse círculo viciosos de degradação ambiental tem-se proposto a adoção de sistemas agrícolas que possam substituir esse sistema tradicional e ainda atender a demanda de produção agrícola local (BRADY, 1996). Dentre essas alternativas uma que tem se mostrado bastante promissora é a adoção de sistemas agroflorestais (POLLINI, 2009).

2.2.2 Sistemas Agroflorestais

Sistema agroflorestal (SAF) é a forma de uso da terra caracterizada pela combinação de espécies arbóreas lenhosas e/ou frutíferas com cultivos agrícolas e/ou animais, de forma simultânea ou sequencia temporal e que interagem econômica e ecologicamente (NAIR et al., 2008). Um aspecto que determina a sustentabilidade desses sistemas é a presença de árvores, que tem a capacidade de capturar nutrientes de camadas mais profundas do solo, reciclando-os e reduzindo as perdas por lixiviação, além de proporcionar maior cobertura do solo e conservação dos recursos edáficos (NAIR, 2013). O sistema agroflorestal objetiva otimizar a produção por unidade de área, com uso mais eficiente dos recursos, da diversificação da produção e da interação positiva entre os componentes (NAIR, 1991).

Esse sistema é proposto como alternativa de uso do solo para o trópico úmido com o objetivo de aproveitar o aumento da biodiversidade como fator de equilíbrio dinâmico de ecossistemas complexos, imitando os ecossistemas naturais (MBOW et al., 2014). Os sucessos de plantios de alta diversidade de espécies tem indicado que a biodiversidade pode ser uma ferramenta importante para o equilíbrio na interação entre plantas e microrganismos (CLOUGH et al., 2011).

Dado a multiplicidade de fenômenos determinantes na qualidade do solo e da interação entre os elementos bióticos e abióticos existentes nos sistemas agroflorestais, principalmente para o caso dos sistemas agroflorestais que fazem uso dessas interações para promover o desenvolvimento dinâmico e equilibrado do sistema (EISENHAUER, 2012), é fundamental que as ferramentas de análises dessas formas de uso do solo sejam feitas de modo a avaliar as múltiplas interações existentes entre os fenômenos avaliados. Uma das formas mais proeminentes de se avaliar essas interações é com o uso de análises estatísticas multivariadas, ferramentas essas que vem sendo cada vez mais utilizadas para estudos ecológicos (THIOULOUSE, 2011).

2.3 ANÁLISE MULTIVARIADA PARA ESTUDOS DE ECOLOGIA

Análise multivariada consiste de uma coleção de métodos para avaliar múltiplas medições feitas em um objeto ou indivíduo (RENCHER; CHRISTENSEN, 2012). Essas medições são denominadas de variáveis e os objetos/indivíduos recebem a denominação de unidades amostrais ou de observações, juntos formam o chamado conjunto de dados multivariado, normalmente apresentado em forma de uma matriz (CHI, 2012). A análise desse tipo de dado consiste da adoção de um método que permita a identificação da estrutura de dependência da variabilidade de cada observação constituída pela covariância das variáveis (RENCHER; CHRISTENSEN, 2012).

Métodos multivariados podem ser divididos em duas categorias: métodos de análise exploratória de dados e de análise confirmatória (CHI, 2012). No presente trabalho será dado enfoque na análise exploratória dos dados, mais comumente adotada em estudos ecológicos uma vez que permitem extrair, sintetizar e visualizar a informação sobre a variabilidade das múltiplas variáveis ecológicas de maneira mais simplificada (THIOULOUSE, 2011). Além disso, normalmente em ecologia a ocorrência de fenômenos de retro-alimentação é frequente (APONTE et al., 2013) o que dificulta enormemente a separação de relação causa-efeito nesses estudos que, de modo geral, é a principal razão para a não adoção de métodos multivariados de análise confirmatória.

Em ecologia, a análise multivariada é normalmente utilizada para responder duas questões: (i) quais são as relações entre as variáveis e (ii) quais são as semelhanças/diferenças entre unidades amostrais.

A análise dessas variáveis pelos métodos univariatos (análise de variância, testes de média, regressão e correlação) normalmente é feita pela procura de relações entre cada uma das múltiplas variáveis existentes de modo a detectar as diferenças entre indivíduos ou amostras, uma variável por vez (CHI, 2012). De tal forma que, a compreensão holística da variabilidade geral dos dados fica restrita a capacidade do pesquisador de conectar os resultados obtidos em um todo organizado. Entretanto, muitas vezes essa tarefa é dificultada em função de variações conjuntas (co-variância) que muitas vezes interfere na identificação das relações entre variáveis e entre indivíduos, seja devido a superestimação ou subestimação dos efeitos (RENCHER; CHRISTENSEN, 2012).

O método multivariado busca responder a essas duas perguntas procurando o menor número de dimensões hiperespaciais onde a representação dos indivíduos e das variáveis é o mais próximo possível do original (DRAY; JOMBART, 2011). Essas novas dimensões hiperespaciais, denominadas também de autovetores, são geradas artificialmente e caracterizam-se por serem independentes entre si (THIOULOUSE et al., 1997). Desse modo, cumprem a função de eliminar o efeito de covariância entre eixos, o que geralmente ocorre quando se faz uso das variáveis reais para representação espacial (RENCHER; CHRISTENSEN, 2012).

Além disso, elas permitem a redução do número de eixos (CHI, 2012). Regressões e correlações bivariatas, como, por exemplo, os modelos de regressão linear e o coeficiente de correlação de Pearson, avaliam o grau de relação entre duas variáveis quantitativas para o caso em que há ou não uma relação de dependência entre as duas variáveis, respectivamente (JAMES; MCCULLOCH, 1990). Desse modo cada variável observada é interpretada como um eixo sejam eles independentes ou não. Uma vez que autovetores são gerados, a análise passa a ser feita em eixos independentes entre si, isso possibilita a síntese da informação sobre a variabilidade dos dados (DRAY; DUFOUR, 2007) e permite uma mais apurada compreensão das relações existentes entre variáveis e das semelhanças entre os indivíduos construindo um espaço com poucas dimensões (2 a 3, por exemplo) que retém o máximo de informação sobre a variabilidade dos dados (DRAY; JOMBART, 2011).

Ademais, estudo da variabilidade de um determinado conjunto de dados multivariados é baseado na generalização do estudo de variância de uma variável contínua (CRUZ; HOLMES, 2011), a diferença consiste no fato de que essa variância é analisada considerando as diferentes direções dos eixos multivariados. Essa análise é feita por meio da adoção do conceito de inércia, definida como a soma ponderada do quadrado das distâncias entre as frequências dos pontos observados e esperados, tal qual é utilizado para o cálculo da estatística do chi-quadrado (HOLMES, 2003). Desse modo a inércia dos dados em cada um dos eixos serve como critério para determinação da quantidade de informação sobre os dados que está retida em cada um dos autovetores, isto é a qualidade da informação de cada representação (THIOULOUSE, 2011).

A diferença entre os métodos multivariados de análise exploratória consistirá na forma em que cada um deles irá identificar os autovetores de modo a maximizar diferentes aspectos da variabilidade dos dados, seja maximizando a variância total (inércia), as correlações ou mesmo adotando algum tipo de critério, que no caso são denominados de variáveis instrumentais.

Na presente revisão será dado enfoque aos métodos de análises de componentes principais (do inglês, *Principal Component Analysis* - PCA), análise multivariada entre classes, um caso particular da análise de componentes principais com variáveis instrumentais, denominada em inglês de *Between-class analysis* (BCA) e por fim a análise de co-inércia, que permite avaliar a relação entre dois ou mais conjuntos de dados multivariados (geralmente variáveis ambientais e variáveis relativas a organismos) coletados de um mesmo local ou unidade amostral.

A PCA busca encontrar a combinação linear de variáveis que explicam o máximo da variabilidade dos dados (RENCHER; CHRISTENSEN, 2012). O seu objetivo não é explicar as correlações existentes entre essas variáveis, mas encontrar funções matemáticas, entre as variáveis iniciais que melhor representem a variação existente nos dados e permita descrever e reduzir essas variáveis (CHI, 2012). A PCA trata exclusivamente de variáveis numéricas, que desempenham todas o mesmo papel.

Apesar da PCA maximizar a variância de todos os pontos e permitir a visualização das semelhanças e diferenças entre unidades amostrais, estudos em ecologia ainda consideram importante a identificação do efeito entre grupos (DRAY et al., 2007), pois muitas vezes diferentes unidades amostrais sofrem algum tipo de variabilidade sazonal (efeito do tempo) (ROSSI; BLANCHART, 2005) ou local (efeito espacial) (FRANQUET et al., 1995) que pode ainda incluir efeito de manejos ou níveis de degradação. Assim identificar a variação dos dados em função desses critérios é crucial para uma melhor compreensão dos padrões observados na PCA, para isso faz-se uso do método de análise multivariada denominado de *between-class analysis* (BCA). Esse tipo de análise foi adotado por Rossi e Blanchart (2005) para verificar o efeito de diferentes tipos de vegetação, com grau de perturbação distintos, ao longo das estações do ano na macrofauna do solo e percebeu que boa parte da variação entre espécies pode ser explicada pela formas do manejo e pela dinâmica temporal. Determinando assim, a aplicabilidade do método para identificar esse tipo de variação. Além disso, Dray e Jombart (2011) usaram a BCA para determinar que parte da inércia total dos dados pode ser atribuída a variação espacial dos dados.

Outro ponto importante da análise multivariada para a ecologia é o estudo de relações entre conjuntos de dados multivariados (THIOULOUSE, 2011), normalmente aplicados quando se prentende verificar qual efeito há entre variáveis ambientais e de espécies de organismos (macrofauna, microrganismos, plantas, entre outros), tudo isso em um mesmo local. Com isso, temos uma situação em que duas tabelas de dados multivariados devem ter sua variabilidade investigada para cada um das unidades observacionais que podem representar a variação espacial, temporal o de manejo (DRAY et al., 2003). Esse caso particular é um dos objetos de estudo da análise de co-inércia (CULHANE et al., 2003).

A análise de co-inércia é uma medida geral da co-estrutura de regiões amostradas nos hiperespaços de fatores ambientais e relativos a espécies (FRANQUET et al., 1995; THIOULOUSE, 2011). Baseia-se em uma medida de correlação multivariada, o coeficiente RV, que pode ser considerado uma generalização da correlação de Pearson para dados multivariados (CULHANE et al., 2003). Ela aumenta quando as duas estruturas variam simultaneamente, seja essa variação diretamente ou inversamente proporcional, e é menor quando elas variam independentemente.ou quando não variam entre si (DRAY et al., 2003). Devido a essas características Lavelle et al. (2014) utilizou a análise de co-inércia para identificar as relações entre conjuntos de variáveis relativos a diferentes serviços ecossistêmicos sugerindo uma relação de interdependência entre todos os serviços ecossistêmicos e que o manejo da fertilidade química dos solos da bacia hidrógráfica do rio Orinoco, uma região de savana na Colômbia, é o principal fator para determinar a dinâmica do solo nessa região.

Explorar as relações entre espécies de organismos e fatores ambientais não é uma tarefa fácil (DOLÉDEC et al., 1996), e adicionar as influencias temporais e espaciais torna essa análise ainda mais difícil (FRANQUET et al., 1995), mas é fundamental para que se possa avançar a compreensão do funcionamento dos ecossistemas (DRAY et al., 2003) e dos impactos do manejo antrópico.

REFERÊNCIAS

APONTE, C.; GARCÍA, L. V.; MARAÑÓN, T. Tree species effects on nutrient cycling and soil biota: A feedback mechanism favouring species coexistence. **Forest Ecology and Management,** v. 309, n. 0, p. 36-46, 2013.

BRADY, N. C. Alternatives to slash-and-burn: a global imperative. **Agriculture, Ecosystems & Environment,** v. 58, n. 1, p. 3-11, 1996.

CHI, Y.-Y. Multivariate methods. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Computational Statistics,** v. 4, n. 1, p. 35-47, 2012.

CLOUGH, Y.; BARKMANN, J.; JUHRBANDT, J.; KESSLER, M.; WANGER, T. C.; ANSHARY, A.; BUCHORI, D.; CICUZZA, D.; DARRAS, K.; PUTRA, D. D.; ERASMI, S.; PITOPANG, R.; SCHMIDT, C.; SCHULZE, C. H.; SEIDEL, D.; STEFFAN-DEWENTER, I.; STENCHLY, K.; VIDAL, S.; WEIST, M.; WIELGOSS, A. C.; TSCHARNTKE, T. Combining high biodiversity with high yields in tropical agroforests. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, 2011.

COMTE, I.; DAVIDSON, R.; LUCOTTE, M.; DE CARVALHO, C. J. R.; DE ASSIS OLIVEIRA, F.; DA SILVA, B. P.; ROUSSEAU, G. X. Physicochemical properties of soils in the Brazilian Amazon following fire-free land preparation and slash-and-burn practices. **Agriculture, Ecosystems & Environment,** v. 156, p. 108-115, 2012.

CRUZ, O. D. L.; HOLMES, S. The duality diagram in data analysis: examples of modern applications. **The Annals of Applied Statistics**, 2011.

CUEVAS, E.; MEDINA, E. Nutrient dynamics within amazonian forests. **Oecologia,** v. 76, n. 2, p. 222-235, 1988.

CULHANE, A.; PERRIÈRE, G.; HIGGINS, D. Cross-platform comparison and visualisation of gene expression data using co-inertia analysis. **BMC Bioinformatics,** v. 4, n. 1, p. 1-15, 2003.

DAS, T.; DAS, A. Litter production and decomposition in the forested areas of traditional homegardens: a case study from Barak Valley, Assam, northeast India. **Agroforestry Systems,** v. 79, n. 2, p. 157-170, 2010.

DAVIDSON, E. A.; CARVALHO, J. R.; VIEIRA, I. C. G.; FIGUEIREDO, P. M.; ISHIDA, F. Y.; SANTOS, M. T. P.; GUERRERO, J. B.; KALIF, K.; SABÁ, R. T. Nitrogen and phosphorus limitation of biomass growth in a tropical secondary forest. **Ecological Applications,** v. 14, n. 4, p. S150-S163, 2004.

DOLÉDEC, S.; CHESSEL, D.; TER, C. Matching species traits to environmental variables: a new three-table ordination method. **Environmental and Ecological Statistics**, v. 3, p. 143-166, 1996.

DRAY, S.; CHESSEL, D.; THIOULOUSE, J. Co-inertia analysis and the linking of ecological data tables. **Ecology,** v. 84, n. 11, p. 3078-3089, 2003.

DRAY, S.; DUFOUR, A. The ade4 package: implementing the duality diagram for ecologists. **Journal of statistical software,** v. 22, n. 4, 2007.

DRAY, S.; DUFOUR, A.; CHESSEL, D. The ade4 package II: Two-table and K-table methods. **R News**, 2007.

DRAY, S.; JOMBART, T. Revisiting Guerry's data: Introducing spatial constraints in multivariate analysis. **The Annals of Applied Statistics,** v. 5, 2011.

EISENHAUER, N. Aboveground–belowground interactions as a source of complementarity effects in biodiversity experiments. **Plant and Soil,** v. 351, n. 1-2, p. 1-22, 2012/02/01 2012.

FRANQUET, E.; DOLÉDEC, S.; CHESSEL, D. Using multiviriate analyses for separating spatial and temporal effects within species-environment relationships. **Hydrobiologia,** v. 300-301, n. 1, p. 425-431, 1995.

GARCÍA-BARRIOS, L.; ONG, C. K. Ecological interactions, management lessons and design tools in tropical agroforestry systems. **Agroforestry Systems,** v. 61-62, n. 1, p. 221-236, 2004.

GEHRING, C. O ambiente do trópico úmido e o manejo sustentável dos agrossistemas. In: MOURA, E. G. e AGUIAR, A. C. F. (Ed.). **O desenvolvimento rural como forma de ampliação dos direitos no campo: Princípios e tecnologias**. São Luis, MA: Estação Produções Ltda, v.2, 2006. p.101-140.

GEISSEN, V.; SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, R.; KAMPICHLER, C.; RAMOS-REYES, R.; SEPULVEDA-LOZADA, A.; OCHOA-GOANA, S.; DE JONG, B. H. J.; HUERTA-LWANGA, E.; HERNÁNDEZ-DAUMAS, S. Effects of land-use change on some properties of tropical soils — An example from Southeast Mexico. **Geoderma,** v. 151, n. 3–4, p. 87-97, 2009.

GIBSON, L.; LEE, T.; KOH, L.; BROOK, B.; GARDNER, T.; BARLOW, J.; PERES, C.; BRADSHAW, C.; LAURANCE, W.; LOVEJOY, T.; SODHI, N. Primary forests are irreplaceable for sustaining tropical biodiversity. **Nature,** v. 478, n. 7369, p. 378-381, 2011.

GOVAERTS, B.; SAYRE, K. D.; DECKERS, J. A minimum data set for soil quality assessment of wheat and maize cropping in the highlands of Mexico. **Soil and Tillage Research,** v. 87, n. 2, p. 163-174, 2006.

HAUSER, S.; NORGROVE, L. Effects of Slash-and-Burn Agriculture. In: LEVIN, S. A. (Ed.). **Encyclopedia of Biodiversity (Second Edition)**. Waltham: Academic Press, 2013. p.551-562.

HOLMES, S. Statistics for phylogenetic trees. **Theoretical Population Biology,** v. 63, n. 1, p. 17-32, 2003.

JAMES, F. C.; MCCULLOCH, C. E. Multivariate Analysis in Ecology and Systematics: Panacea or Pandora's Box? **Annual Review of Ecology and Systematics,** v. 21, n. 1, p. 129-166, 1990.

KARLEN, D. L.; DITZLER, C. A.; ANDREWS, S. S. Soil quality: why and how? **Geoderma,** v. 114, 2003.

KARLEN, D. L.; MAUSBACH, M. J.; DORAN, J. W.; CLINE, R. G.; HARRIS, R. F.; SCHUMAN, G. E. Soil Quality: A Concept, Definition, and Framework for Evaluation (A Guest Editorial). **Soil Sci. Soc. Am. J.,** v. 61, n. 1, p. 4-10, 1997 1997.

KASS, D. C. L.; SOMARRIBA, E. Traditional fallows in Latin America. **Agroforestry Systems,** v. 47, n. 1-3, p. 13-36, 1999.

KLEINMAN, P. J. A.; PIMENTEL, D.; BRYANT, R. B. The ecological sustainability of slash-and-burn agriculture. **Agriculture, Ecosystems & Environment,** v. 52, n. 2–3, p. 235-249, 1995.

LARSON, W. E.; PIERCE, F. J. The Dynamics of Soil Quality as a Measure of Sustainable Management. In: DORAN, J. W.;COLEMAN, D. C.;BEZDICEK, D. F. e STEWART, B. A. (Ed.). **Defining Soil Quality for a Sustainable Environment**: Soil Science Society of America and American Society of Agronomy, 1994. p.37-51. (SSSA Special Publication).

LAVELLE, P.; RODRÍGUEZ, N.; ARGUELLO, O.; BERNAL, J.; BOTERO, C.; CHAPARRO, P.; GÓMEZ, Y.; GUTIÉRREZ, A.; HURTADO, M. D. P.; LOAIZA, S.; PULLIDO, S. X.; RODRÍGUEZ, E.; SANABRIA, C.; VELÁSQUEZ, E.; FONTE, S. J. Soil ecosystem services and land use in the rapidly changing Orinoco River Basin of Colombia. **Agriculture, Ecosystems & Environment,** v. 185, n. 0, p. 106-117, 2014.

LETEY, J.; SOJKA, R. E.; UPCHURCH, D. R.; CASSEL, D. K.; OLSON, K.; PAYNE, W.; PETRIE, S.; PRICE, G.; REGINATO, R.; SCOTT, H. Deficiencies in the soil quality concept and its application. **Journal of soil and water conservation,** v. 58, n. 4, p. 180-187, 2003.

LIU, B.-R.; JIA, G.-M.; CHEN, J.; WANG, G. A Review of Methods for Studying Microbial Diversity in Soils. **Pedosphere,** v. 16, n. 1, p. 18-24, 2006.

LU, D.; BATISTELLA, M.; MAUSEL, P.; MORAN, E. Mapping and monitoring land degradation risks in the Western Brazilian Amazon using multitemporal Landsat TM/ETM+ images. **Land Degradation & Development,** v. 18, n. 1, p. 41-54, 2007.

MARSCHNER, P.; SOLAIMAN, Z.; RENGEL, Z. Rhizosphere Properties of *Poaceae* Genotypes Under P-limiting Conditions. **Plant and Soil,** v. 283, n. 1, p. 11-24, 2006.

MASERA, O. A.; LÓPEZ-RIDAURA, S. M. **Sustentabilidad y manejo de recursos naturales: el marco de evaluación MESMIS**. Mexico: Ediciones Mundi-Prensa e Instituto de Ecología-UNAM, 1999. 109 p.

MBOW, C.; VAN NOORDWIJK, M.; LUEDELING, E.; NEUFELDT, H.; MINANG, P. A.; KOWERO, G. Agroforestry solutions to address food security and climate change challenges in Africa. **Current Opinion in Environmental Sustainability,** v. 6, n. 0, p. 61-67, 2014.

MOÇO, M. K. S.; GAMA-RODRIGUES, E. F.; GAMA-RODRIGUES, A. C.; MACHADO, R. C. R.; BALIGAR, V. C. Relationships between invertebrate communities, litter quality and soil attributes under different cacao agroforestry systems in the south of Bahia, Brazil. **Applied Soil Ecology,** v. 46, n. 3, p. 347-354, 2010.

MOURA, E.; SENA, V.; CORRÊA, M.; AGUIAR, A. The importance of an alternative for sustainability of agriculture around the periphery of the Amazon rainforest. **Recent patents on food, nutrition & agriculture,** v. 5, n. 1, p. 70-78, 2013.

MOURA, E. G.; MOURA, N. G.; MARQUES, E. S.; PINHEIRO, K. M.; COSTA SOBRINHO, J. R. S.; AGUIAR, A. C. F. Evaluating chemical and physical quality indicators for a structurally fragile tropical soil. **Soil Use and Management,** v. 25, n. 4, p. 368-375, 2009.

NAIR, P. K. R. Classification of agroforestry systems. **Agroforestry Systems,** v. 3, n. 2, p. 97-128, 1985.

NAIR, P. K. R. State-of-the-art of agroforestry systems. **Forest Ecology and Management,** v. 45, n. 1–4, p. 5-29, 1991.

NAIR, P. K. R. Agroforestry: Trees in Support of Sustainable Agriculture. In: (Ed.). **Reference Module in Earth Systems and Environmental Sciences**: Elsevier, 2013.

NAIR, P. K. R.; GORDON, A. M.; ROSA MOSQUERA-LOSADA, M. Agroforestry. In: JØRGENSEN, S. E. e FATH, B. D. (Ed.). **Encyclopedia of Ecology**. Oxford: Academic Press, 2008. p.101-110.

PINHO, R. C.; MILLER, R. P.; ALFAIA, S. S. Agroforestry and the Improvement of Soil Fertility: A View from Amazonia. **Applied and Environmental Soil Science,** v. 2012, 2012.

POLLINI, J. Agroforestry and the search for alternatives to slash-and-burn cultivation: From technological optimism to a political economy of deforestation. **Agriculture, Ecosystems & Environment,** v. 133, n. 1–2, p. 48-60, 2009.

QUINKENSTEIN, A.; WÖLLECKE, J.; BÖHM, C.; GRÜNEWALD, H.; FREESE, D.; SCHNEIDER, B. U.; HÜTTL, R. F. Ecological benefits of the alley cropping agroforestry system in sensitive regions of Europe. **Environmental Science & Policy,** v. 12, n. 8, p. 1112-1121, 2009.

RENCHER, A. C.; CHRISTENSEN, W. F. Wiley Series in Probability and Statistics. In: (Ed.). **Methods of Multivariate Analysis**: John Wiley & Sons, Inc., 2012. p.759-768.

ROSSI, J.-P.; BLANCHART, E. Seasonal and land-use induced variations of soil macrofauna composition in the Western Ghats, southern India. **Soil Biology and Biochemistry,** v. 37, n. 6, p. 1093-1104, 2005.

ROUSSEAU, G. X.; DEHEUVELS, O.; RODRIGUEZ ARIAS, I.; SOMARRIBA, E. Indicating soil quality in cacao-based agroforestry systems and old-growth forests: The potential of soil macrofauna assemblage. **Ecological Indicators,** v. 23, n. 0, p. 535-543, 2012.

SCHROTH, G.; HARVEY, C. Biodiversity conservation in cocoa production landscapes: an overview. **Biodiversity and Conservation,** v. 16, n. 8, p. 2237-2244, 2007.

SCHROTH, G.; LEHMANN, J.; RODRIGUES, M.; BARROS, E.; MACÊDO, J. Plant-soil interactions in multistrata agroforestry in the humid tropicsa. **Agroforestry Systems,** v. 53, n. 2, p. 85-102, 2001.

SHIBU, J. Agroforestry for ecosystem services and environmental benefits: an overview. **Agroforestry Systems,** v. 76, 2009.

SHUKLA, M. K.; LAL, R.; EBINGER, M. Determining soil quality indicators by factor analysis. **Soil and Tillage Research,** v. 87, n. 2, p. 194-204, 2006.

SPOSITO, G.; ZABEL, A. The assessment of soil quality. **Geoderma,** v. 114, n. 3–4, p. 143-144, 2003.

THIOULOUSE, J. Simultaneous analysis of a sequence of paired ecological tables: A comparison of several methods. **The Annals of Applied Statistics**, 2011.

THIOULOUSE, J.; CHESSEL, D.; DOLE´DEC, S.; OLIVIER, J.-M. ADE-4: a multivariate analysis and graphical display software. **Statistics and Computing,** v. 7, n. 1, p. 75-83, 1997/03/01 1997.

VAN BREEMEN, N. Chapter 2 The formation of soils. In: PETER, D. e HERMAN, J. P. E. (Ed.). **Developments in Soil Science**: Elsevier, v.Volume 29, 2004. p.21-40.

VAN DER PUTTEN, W. H.; BARDGETT, R. D.; BEVER, J. D.; BEZEMER, T. M.; CASPER, B. B.; FUKAMI, T.; KARDOL, P.; KLIRONOMOS, J. N.; KULMATISKI, A.; SCHWEITZER, J. A.; SUDING, K. N.; VAN DE VOORDE, T. F. J.; WARDLE, D. A. Plant–soil feedbacks: the past, the present and future challenges. **Journal of Ecology,** v. 101, n. 2, p. 265-276, 2013.

VAN NOORDWIJK, M.; GARRITY, D. P. **Nutrient use efficiency in agroforestry systems**. Potassium in Asia, Balanced Fertilization to Increase and Sustain Agricultural Production. Switzerland: International Potash Institute**:** 245-279 p. 1995.

VAN NOORDWIJK, M.; LAWSON, G.; SOUMARE, A.; GROOT, J.; HAIRIAH, K. Root distribution of trees and crops: competition and/or complementarity. In: ONG, C. K. e HUXLEY, P. (Ed.). **Tree Crops Interactions**. Oxon: CAB International, 1996. p.319-364.

VARMA, A. The economics of slash and burn: a case study of the 1997–1998 Indonesian forest fires. **Ecological Economics,** v. 46, n. 1, p. 159-171, 2003.

VERHOEF, H. Chapter 4 Soil biota and activity. In: PETER, D. e HERMAN, J. P. E. (Ed.). **Developments in Soil Science**: Elsevier, v.Volume 29, 2004. p.99-125.

ARTIGO

Márcio Fernandes Alves Leite[a], Ronildson Lima Luz[a], Karol Henry Mavisoy Muchavisoy[a], Marcelo Luís Corrêa Zelarayán[a], Ernesto Gomez Cardoso[a], Flávio Henrique Reis Moraes[b], Guillaume Xavier Rousseau[a], Christoph Gehring[a]*

Effects of land use and fire regime on aboveground biomass and soil quality indicators in spontaneous forests and agroforests of eastern Amazon

* Corresponding Author:

[a]Agroecology Program of Maranhão State University – UEMA

Cidade Universitária Paulo VI s/n, 65025-970 São Luís – MA, Brazil.

christophgehring@yahoo.com.br

Tel.: +55 98 32769638

[b]Ceuma University

Rua Josué Montello 01, Renascença II s/n São Luís – MA, Brazil

Abstract

This paper unites a wide array of indicators of aboveground vegetation, litter-layer and topsoil (0-20 cm) physico-chemistry in contrasting vegetation types of eastern Amazonia. We studied three types of agroforestry systems (enriched fallows, homegardens and commercial plantations), and compare these with three spontaneous forest types (young and old secondary forests and mature rainforests) with one-way ANOVA, linear and non linear regressions and multivariate analyses . We also isolated the effects of differing fire-regimes (first-cycle vs. multi-cycle slash-and-burn, and 'sweep-and-burn' in homegardens). Agroforests differed from young secondary forests in their lower understory biomass, higher topsoil pH and Ca-contents in commercial agroforests, and K-contents in homegardens. The overstory negatively impacted the understory, only the understory related significantly with the litter-layer. Principal component analysis identifies a successional sequence along age and between systems, with homegardens closest to mature rainforests. According to between-classes analyses, fire-regime is responsible for 39.7% of data-variation, and plant biomass is stronger related to the soil in spontaneous forests than in the agroforests. Multiple slash-and-burn causes an increase of topsoil calcium and sweep-and-burn in homegardens is associated with high topsoil potassium and P-availability hotspots. Our study confirms the sustainability of homegardens, with the combination of high biomass and nutrient-availability.

Keywords: homegardens; enriched fallows; commercial plantation agroforestry; secondary forest; slash and burn; sweep and burn.

1. Introduction

Anthropogenic pressure continues high throughout the humid tropics, both worldwide and in Amazonia. Next to the ongoing penetration of the frontier of colonization (first-cycle deforestation/slash-and-burn) into pristine rainforests (de las Heras et al. 2011), the subsequent deterioration via multiple slash-and-burn cycles and shortening fallow-periods is worrisome (Satyam Verma 2012; Styger et al. 2007). Degradation-symptoms such as low biodiversity, dominance of aggressive ruderal species and deteriorated soil fertility result in low agricultural productivity and ultimately in rural poverty (Lawrence et al. 2010; Hauser and Norgrove 2013; Varma 2003).

The deeply-weathered soils of the humid tropics are particularly vulnerable to degradation, because of the rapid decomposition and mineralization of organic matter, and of high nutrient-losses caused by leaching (Markewitz et al. 2004) or gaseous nitrogen-losses (Xu et al. 2013). Maintenance or restoration of the soil ‘productive potential’ is a central pillar of sustainable land-use (Boddey et al. 2003).

Agroforestry has been proposed as viable alternative to shifting cultivation in the tropics (Pollini 2009). There exist a great diversity of agroforestry systems, including different types of homegardens, perennial crop systems, alley cropping, improved fallows and rotational tree fallows (Atangana et al. 2014), with contrasting origins (traditional/‘modern’) and purposes (subsistence/commercial) (Nair 1991), and a wide array of management-intensities,complexities, resulting in differing biodiversity, structural and functional complexity of plants and soil-resources, and ultimately differing in their ecological and social sustainability (Schroth et al. 2001).

Depletion of soil nutrients due to unsustainable land-use intensification can cause reductions in above- and belowground biodiversity (Thiele-Bruhn et al. 2012), ecosystem functioning (Power 2010), and stability (Wakelin et al. 2014). By contrast, agroforestry can improve soil quality (Pinho et al. 2012), increase system stability (Lin 2011) and reduce economic risks because of better market flexibility via multiple products (Souza et al. 2012). Trees are key for soil fertility in agroforestry (Nair 2013), due to feedback-interactions which maintain nutrient-cycling via nutrient pumping and safety-net mechanisms (Van Noordwijk and Garrity 1995; Seneviratne et al. 2010).

Biological, chemical and physical processes interact in complex manners between vegetation, litter, and topsoil physico-chemistry, it is crucial to understand the impacts of plants on biotic and abiotic soil properties and functioning (van der Putten et al. 2013), both from a basic-science perspective and especially from the practical side. This could help in the development of improved management-techniques for smallholder agriculture, efficient and sustainable both in ecological and socioeconomic terms, and capable of acting against the vicious circle of environmental degradation and rural poverty.

In this paper, we assessed the impacts of different forms of land-use and fire regimes on vegetation and litter biomass and on topsoil physico-chemistry in eastern Amazonia (north-central Maranhão and eastern Pará states) in: (i) mature rainforests and fallow regrowth following slash-and-burn agriculture, and (ii) in three different types of agroforestry systems (commercial plantation, enriched fallow and homegardens), and we explore system-related differences in relationships along the vegetation-litter-topsoil continuum.

2. Materials and methods

2.1 Study region and site clusters

Research was conducted in the eastern periphery of Amazonia, on 32 study sites, in 5 counties aggregated into two regional clusters (Fig. 1). Maximum distance between sites within each county was <30 km, maximum distance between counties within each regional cluster was < 150 km. Seventeen of the 32 sites are located in central-northern Maranhão state, the others approximately 400 km further westward in Tomé-açu county in eastern Pará state. Pastures and secondary forests have almost entirely replaced the original rainforests in central Maranhão, as well as most of eastern Pará. Climate is classified according to Köppen as Aw and Ami and varies slightly between the two regional clusters (2100 mm annual rainfall in central Maranhão state and 2300 mm in eastern Pará state, with 6 and 5 months hydric deficit, respectively). Soils are nutrient-poor acid Oxisols and Ultisols (USDA 2010), topsoil texture is 'loamy/fine-sand' and varies little between sites and clusters (average and standard deviations of sand 72.88 ± 17.11%, silt 12.97 ± 18.63 and clay 14.15±7.21%), there were no systematic differences of soil texture between systems, counties or regional clusters.

→ insert Figure 12.2 Spontaneous forests and agroforests

We compare 3 types of spontaneous forests with 3 types of agroforest, distributed in two regional clusters and 5 counties according to Figure 1. Site selection and classification is based on previous work of Cardozo (2013) as follows:

(i) Spontaneous forests

Secondary forests following slash-and-burn shifting cultivation or on abandoned pastures. We distinguish into 'young' (≤12 yr-old) secondary forests (**SFY**) and 'old' (20-26 yr-old) secondary forests (**SFO**).

Mature rainforests (MF): Original primary forests without any visible human perturbation (one site) or with low-intensity selective logging >60 yrs ago (one site).

(ii) Agroforests

Enriched Fallow Agroforests (EFA): Agroforestry system established by enrichment planting of fruit and timber species in the understory of 15-25 yr-old secondary forests.

Homegarden Agroforests (HA): Tall multistrata agroforests surrounding the houses, virtually omnipresent in our study region and among the oldest and most widespread forms of agroforestry throughout the humid tropics.

Commercial Plantation Agroforests (CPA): Regularly-spaced agroforestry plantations with inorganic fertilization and liming, elaborated by Japanese immigrants or inspired by them but owned by smallholder farmers. Main products are fruits of cocoa (*Theobroma cacao* L.) and cupuassu (*T. grandiflorum* K. Schum), açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), and black pepper (*Piper nigrum* L.).

Due to inexistence, not all systems are covered in both regional clusters. Implications of this unbalanced scheme are further discussed in chap. 2.4 and 3.1.

Sites and systems were subject to differing fire regimes: (i) never burnt (2 mature rainforest sites), (ii) first-cycle slash-and-burn, (iii) multi-cycle slash-and-burn, and (iv) 'sweep-and-burn' of litter and other debris in homegardens (Winklerprins 2009). We exclude EFA and CPA from our fire-regime analyses (partly unknown/inconsistent).

2.3 Within-site sampling scheme

We adopt a joint sampling scheme to guarantee compatibility between data-sets of all components under investigation and to adapt to the scale-sensitivity of all variables. Vegetation and litter sampling strives to capture 'plant influence zones', *sensu* Rhoades et al. (1996). We estimate large tree aboveground biomass in the circular main plot and minor vegetation and litter in five subplots (see Fig. 2). Topsoil (0-20 cm) was obtained as composite samples from the centers of the five subplots.

→ insert Figure 2

In the CPA, we adapted our sampling-scheme to the predominating regular spacing. Instead of a circle we used six sub-plots (3x5 m), in three quadrangular main plots of 25x25 m, in analogy with Kato et al. (2009), the sub-plots and transects followed the same methods as mentioned above.

2.4 Variables under investigation

Large components of biomass were estimated allometrically by Muchavisoy (2013), utilizing diameter-based equations for mature rainforest trees (Overman et al. 1994), secondary forest trees (Nelson et al. 1999), lianas (Gehring et al. 2004) and babassu palms (Gehring et al. 2011), as well as conversions between dbh and diameter measured at 30 cm height for smaller vegetation components (Gehring et al. 2008). Small vegetation (<1.30 m height) was estimated destructively jointly with the litter-layer. We distinguish into large vegetation (trees with dbh $\geq$ 10 cm and palms > 2 m height) (AGB$\geq$10 cm dbh), mid-sized vegetation (trees, shrubs and lianas with dbh < 10cm and palms < 2 m height), and small vegetation (herbaceous and shrubs smaller than 1.30 m height). For statistical analyses, we combine mid-sized and small vegetation (AGB<10 cm dbh). We quantify the necromass of fallen logs in transects (Van Wagner 1968), and standing dead logs in the circular main plots, following methods of Arevalo et al. (2002).

We destructively quantified and sampled the litter-layer in five 1x1m sub-quadrants within each sampling unit, at the end of the rainy season. Litter-layer mass-estimations distinguished between leaves and twigs.

As indicators of topsoil physical quality we measured (i) soil bulk density (volumetric rings), and (ii) soil texture (pipette method), utilizing standard procedures described in Klute et al. (1986). As indicators of topsoil chemistry we measured the pH (0.01 M $CaCl_2$ suspension), soil organic matter (Walkley-Black method), available P (extraction with synthetic anion exchange resin Amberlite IRA-400) and exchangeable K (Mehlich I), Ca, Mg (KCl extraction) and H+Al (SMP Method), following routine methods of the IAC (2001). Carbon and Nitrogen concentrations in leaf litter samples were determined with Walkley-Black (Embrapa 1997; Walkley and Black 1934) and Kjeldåhl digestion (Tedesco et al. 1995), respectively.

2.5 Statistical analyses

2.5.1 Basic and univariate statistics

We checked for normality of data-distribution with Kolmogorov-Smirnov and Lilliefor’s tests. Most data followed normal distribution or could be normalized via $\log_{10}$ or $\log_{10}(x+1)$ transformation. The only variable that doesn’t follow a normal distribution was the leaf litter C:N-ratio , for which we utilized non-parametric procedures (Spearman correlations, Kruskall-Wallis ANOVA with rank-based Dunn’s test). We also checked our data for homogeneity of variance with the Brown-Forsythe test for unequal number of replications (Brown and Forsythe 1974). We observed and excluded outliers and extremes (>1.5*SE), one value for organic matter, two for twig biomass and one for total aboveground biomass (in a CPA with Brazil-nut trees). For between-group comparisons and regressions, we define the default significance level as 5%, and also report on tendencies with <10 % significance-level.

Our experimental design is unbalanced, due to the non-occurrence of some systems in some clusters (see chap. 2.2). We evaluate the extent of this possible problem by searching for between-region differences via t-tests and via a multivariate method of between-class analyses (BCA). T-tests didn’t indicate significant difference in any variable. The regional impacts on BCA tests are presented in more detail in chap. 2.5.2.

We directly compare two types of single systems or groups of vegetation types via t-tests, and jointly via one-way ANOVAs and subsequent *post-hoc* Spjøtfoll-Stoline tests (HSD Tukey for unequal replication numbers). We investigate relationships between two variables via linear and non-linear regressions. These analyses were processed with Statistica 8.0 (StatSoft, 2007).

2.5.2 Multivariate statistics

We used multivariate between-class analyses (BCA) to investigate the potential effects of regional differences on secondary forests and on homegarden agroforests (which occurred in both regions), and subsequently quantify regional effects on the sum of variation of the entire data-set with a Monte Carlo randomization procedure using 9.999 permutations for significance-testing. Differences between regions explained only 7.72% of total variance, and this difference was non-significant.

For data-synthesis we furthermore conducted Principal Component (PCA), Between-class (BCA) (Chessel et al. 2004), Co-inertia analysis (CIA) (Dray et al. 2003), and permutation Monte Carlo significance tests (Romesburg 1985). PCA was adopted to investigate variation of the entire data-set and BCA to isolate systems grouping contributions in data variability. As part of our systems were subject to contrasting fire-management (see 2.2) we also investigate the impact of fire-regimes with BCA.

Co-inertia-Analysis investigates the relationships between two or more data-sets (Culhane et al. 2003), in our case the biomass and the soil data-sets within spontaneous forests and agroforests. We utilize a Between-class Co-inertia analysis (Franquet et al. 1995), where the covariance between groups, rather than between individual cases is maximized. We measure overall similarities using a multivariate extension of the Pearson correlation (the Rv coefficient). We allocate EFA into the group of 'spontaneous forests', because of their dominating spontaneous overstory.

We use the R environment (R Development Core Team 2007) and ade-4 library for the multivariate analyses (Thioulouse et al. 1997; Chessel et al. 2004). Graphs were generated with SigmaPlot 11.0 (Systat, 2008) and in R software.

3. Results

3.1 Vegetation, litter and topsoil in differing land use systems

TAGB differs significantly between systems (Fig. 3a). This was likewise true for AGB$\geq$10 cm dbh (data not shown). Systems furthermore differed significantly in their shrubs and herbaceous biomass (AGB<10 cm dbh) , where SFY had an approximately 100-fold higher biomass than HA, and MF a nearly five-fold higher biomass than CPA (Fig. 3a). There were no significant differences in necromass of standing and fallen logs > 5 cm), nor in littermass, neither for twigs nor for leaf litter (data not shown). There was a tendency of decreasing leaf litter and increasing twig litter along succession ($p<0.10$) (Fig. 3b).

→ insert Figure 3

We found no overall between-system differences in topsoil organic matter (OM) concentrations. Excluding agroforests, there was a significant ($p<0.05$) increase of OM-concentrations along succession and highest values in MF (letters in brackets) (Fig. 4a). Bulk soil density was significantly higher in SFY than in SFO, MF and HA (Fig. 4a). Topsoil pH was highest in CPA and lowest in MF and HA (Fig. 4b). Available P-concentrations were non-normally distributed and didn´t differ between systems due to high data-variability.

→ insert Figure 4

Topsoil K-concentrations were three times higher in HA than in the spontaneous forests (SFY, SFO and MF) (Fig. 5). Topsoil Ca-concentrations were higher in CPA and SFO than in HA and MF, whereas Mg-concentrations didn't differ between systems. We also found higher values of soil potential acidity (H+Al) in MF and in HA soils as compared to the soils of CPA (data not shown).

→ insert Figure 5

Both leaf and twig litter-layer C-contents didn´t differ significantly between systems (data not shown). By contrast, leaf-litter N-contents were highest in MF (average 20% above CPA and HA and 30% above SFO and EFA) (Fig. 6a). Leaf-litter C:N- ratios were significantly higher in SFY and CPA than in EFA (Fig. 6b)

→ insert Figure 6

3.2 Effects of fire regime on vegetation, litter-layer and topsoil

TAGB (Figure 7), AGB≥10 cm dbh (data not shown) and AGB<10 cm dbh differed significantly between fire-regimes (Fig. 7). As expected, the never-burnt mature rainforests (0-burn) had higher TAGB than the secondary forests. In direct comparison between secondary forests following first-cycle (1-burn) vs. multi-cycle (M-burn) slash-and-burn, t-tests identified significantly lower stocks for all major biomass components (TAGB, AGB≥ 10cm, AGB ≤ 10cm and fallen logs) after multiple slash-and-burn (data not shown).

→ insert Figure 7

Total litter biomass tended ($p=0.07$) to differ between systems, with highest values in never-burnt MF, nearly 60% above littermass in HA with their regular sweep-and-burn fire-regime (S-burn) (Fig. 8a). Leaf litter tended ($p=0.07$) to be higher in 1-burn than in S-burn, and twig biomass tended ($p<0.08$) to be higher in 0-burn than in M-burn (Fig. 8b).

→ insert Figure 8

Neither topsoil OM ($p=0.65$), nor bulk soil density ($p=0.19$) differed between fire regimes. The pH values, however, did differ and were significantly higher in M-burn than in 0-burn and in S-burn (Fig. 9). Topsoil available P-content varied strongly in the S-burn (ranging from 2.3-27.3 mg dm^{-3}) (Fig. 4). Figure 9 shows significant differences in K- and Ca-concentrations, with highest K-concentrations in S-burn and highest ($p=0.06$) Ca-concentrations in M-burn.

→ insert Figure 9

3.3 Relationships between variables

Here, we explore a continuum of bivariate relationships between aboveground vegetation–litter–topsoil physico-chemistry over the 32 study sites.

3.3.1 Within-vegetation and vegetation-litter relationships

Figure 10a exhibits the negative-logarithmic relationship between AGB≥10 cm dbh and AGB<10 cm dbh over the 32 study sites. Figure 10b establishes a positive-logarithmic relationship between AGB<10 cm dbh and total litter biomass ($r^2=0.11$, $p<0.07$). However, when distinguishing between leaves and twigs, this relationship was significant only for leaf litter ($r^2=0.14$) (data not shown). There was no apparent relationship between AGB≥10 cm dbh and leaf, twig or total litter biomass. We found a positive non-parametric relationship (Spearman rank $R=+0.61$, $p<0.05$) between total littermass and its C:N ratio (data not shown).

→ insert Figure 10

3.3.2 Litter-topsoil relationships

Neither total nor leaf litter biomass were significantly related with topsoil organic matter (data not shown). By contrast, there was a significant positive relationship between twig biomass and topsoil OM-content (Fig. 11a). Both ‘plant-available’ P- and K-concentrations were negatively related with total litter biomass (Fig. 11b and c).

→ insert Figure 11

3.3.3 Within-topsoil relationships

Soil OM-content positively related with clay-content and negatively related with soil bulk density, without differences between systems (Fig. 12a and b). Clay-content related negatively with soil bulk density ($r^2 = 0.18$), whereas the other granulometric fractions didn´t significantly affect soil density (data not shown).

→ insert Figure 12

We didn´t detect any significant relationships between SOM and its pH or nutrients (data not shown). Within soil-chemical indicators, we found a positive relationship between P and K ($r^2 = 0.32$), as well as between pH and Ca ($r^2= 0.67$).

3.4 Multivariate synthesis of variables and systems

We explore the degree of covariations via PCA (Fig. 13). The two main ‘factors’ together explain 42.4% of total data-variability of vegetation, litter and topsoil physico-chemistry. Figure 13a shows a successional trajectory of spontaneous forests from SFY via SFO and EFA to MF. Remarkably, HA are closest to MF. CPA forms a distinct group clearly separated from the other systems, with one extreme value presumably caused by the high biomass of Brazil-nut trees (*Bertholia excelsa* Humb. & Bonpl.) on this site only. Futhermore, Figure 13b delimits the PCA correlation-circle over all variables of this study, with the first axis dominated by soil physico-chemistry (base saturation, soil potential acidity, pH, K concentration, clay, bulk soil density) as well as the litter layer and small vegetation components, and the second axis mainly driven by SOM, litter-layer N-content, and total and large vegetation biomass (these latter two also strongly contribute to the first axis).

→ insert Figure 13

We investigate differences between land-use systems with BCA. Between-groups inertia corresponds to 30.29% of the total PCA variation (P=0.0001). The first and second axis jointly represent 75.5% of this data-variation. The successional trajectory from SFY to MF is less apparent than in PCA, presumably because the BCA method maximizes the inertia between-groups rather than between-sites (Fig. 14). As with PCA, HA are closest to MF, and CPA again form a distinct group.

→ insert Figure 14

To investigate the effects of fire-regimes we performed two Between-class analyses (BCA). Firstly we strive to understand the variance among and between spontaneous secondary forests following slash-and-burn shifting cultivation, zero-burn mature rainforests and the special case of sweep-and-burn in homegardens, and elucidate how much of overall variance can be explained by the criteria of (i) fire regimes (Fig. 15a), and (ii) spontaneous forests vs. homegardens (Fig. 15b). Classification according to forest successional stages and homegardens explained 34.67% (P=0.0001) of total variance, whereas classification according to different fire-regimes explained 39.68% of total variance (P=0.0001).

→ insert Figure 15

Between-class co-inertia analysis measures the overall similarity between aboveground biomass and litter biomass with soil physico-chemistry data-sets. When considering all systems, this relation was significant but weak (Rv=21.76%, P<0.05), when considering only spontaneous forests the multiple correlation coefficient was higher (Rv=75.5%, P<0.01), whereas the multiple correlation coefficient was lower in agroforests, mainly due to CPA and HA without significant relationships (Table 1). The spontaneous forests also retain more information of variability in the first two axis, even when we added EFA to their group (95.14% and 92.24%, respectively).

→ insert Table 1

4. Discussion

4.1 Regional variance and plot-size effects

According to between-region BCA regional effects on data-variability were small (only 7.7% of total data-variance). T-tests between regions didn't detect any significant differences in secondary forests and homegardens (both of which occurred sufficiently replicated in both regions). Thus, regional variability does not put into question our key findings .

We estimated AGB≥ 10 cm dbh in a 0.20 ha sampling-unit per site, similar in size as sampling-units successfully employed in other studies in tall forests (Keller et al. 2001; Read and Lawrence 2003),. However, we did record two very high (> 80 Mg ha^{-1}) estimates of shrubs, treelets and lianas (AGB 1-10 cm dbh), one for SFY and another for CPA, this may have occurred because of insufficient subplot-size .

4.2 Vegetation and land-use related differences

Both the aboveground biomass of large (≥ 10cm dbh) trees and palms and of smaller / understory (< 10 cm dbh) plants vary widely between systems, though frequently in opposite directions consequence of the negative logarithmic relationship between large and small plants, which presumably is the outcome of competition (Schwinning and Weiner 1998). Within the spontaneous forests, we observe successional trajectories of overstory biomass-increase and of understory biomass-decrease, and within agroforests direct management-effects (differing regimes of understory clearing, sweep-and-burn). Overall, understory biomass was much lower in agroforests than in spontaneous forests, reflecting the management-objective of reducing competition and maximizing crop resource-use. We didn´t find significant differences either in topsoil-OM or bulk density between spontaneous forests and agroforests, confirming results of Bae et al. (2013). However there was a statistical difference in OM-content between MF and SFY, pointing to SOM-restoration along succession (Silver et al. 2000). Management also influenced topsoil chemistry, with higher pH and Ca-concentrations in CPA presumably caused by liming and significant input of chemical fertilizers.

Leaf litter N-concentrations increased along secondary forest succession and N-concentrations were highest in MF. This would be in accordance with a decreasing N-limitation and also a decreasing relevance of biological N_2-fixation in old-growth sites (Gehring et al. 2005; Davidson et al. 2007). N-concentrations in the litter-layer were lower in our agroforests than elsewere (Moço et al. 2010), probably due to the low quantity of N_2-fixing legumes in our agroforests.

Next to the N-contents, litter-layer C:N-ratios are key for litter-topsoil N-dynamics (Constantinides and Fownes 1994). Overall, plant-tissue with C:N-ratio <25 tends to mineralize while tissue with C:N-ratio>25 initially immobilizes mineral N (Myers et al. 1994), consequence of the nutrient-demand for litter-decomposition (Hobbie et al. 2006). Thus, N-immobilization predominates in our litter-layers, with the exception of one HA and two EFA sites. On the other hand, we observe a significant positive relationship between twig-litter mass and topsoil OM-content, possibly the consequence of their high lignin/polyphenol (Tu et al. 2011; Lorenz et al. 2007). Agroforestry-species with larger twig-production could maximize soil carbon-sequestration.

Multivariate analysis provides us a tool which permits deeper insights into the interrelationships between variables (Shukla et al. 2006), as well as the appreciation of land-use and management-effects on such relationships (Rossi and Blanchart 2005). The results of PCA (i) partition two main axes ('soil physico-chemistry' vs. 'large vegetation'), (ii) indicate successional pathways, and (iii) positions HA close to MF, whereas CPA forms a distinct group.

BCA analysis provide indications on the potential of improvements in fields with lowest indicator values and the combination of sites with contrasting functions may give support to a strategically designed landscape mosaic (Lavelle et al. 2014). Variability was highest in the homegardens, pointing to large development potentials in this system.

4.3 Effects of fire-regime

We found significant effects of repeated slash-and-burn shifting-cultivation both aboveground and belowground. Aboveground biomass reductions were strong (on average 58,9% relative to first-cycle slash-and-burn) and affected all major biomass-components. Belowground, we found higher topsoil pH and Ca-contents associated with multiple burns presumably because of the very high temperature necessary for Ca-volatilization (Certini 2005; Raison et al. 1985).

According to BCA, the effects of contrasting fire regimes were overall stronger than the effects of different forms of land-use, explaining 39.7% (as opposed to 34.7%) of overall data-variability. Obviously, BCA doesn't separate the effects of differing fire regimes from those of differing land-use systems, as both features interact and specific fire regimes are inherent to specific land-use systems.

.4.4 Plant-litter-topsoil interactions

The influence of trees on soil nutrients and 'soil quality' has been widely recognized, plants and soils interact via a continuum of multiple individual relationships between components of vegetation, litter-layer and (top)soil (van der Putten et al. 2013).

In our study, we observed (i) a negative logarithmic relationship between the aboveground biomass of large and small plants, presumably caused by competition for light and soil-resources (Schwinning and Weiner 1998); (ii) Litter-layer biomass was affected by small vegetation components, but not by the large trees >10 cm dbh ; (iii) Litter-layer twigs but not leaves contribute to SOM buid-up; (iv) Littermass related to a widening litter C:N-ratio, and to reduced 'plant-available' topsoil P- and K-concentrations , as similarly related for soil P-content in McGrath et al. (2000); and (v) within topsoil we find some expected relationships, such as the positive relationship between clay-content and SOM (Six et al. 2002; Desjardins et al. 2004), and the negative relationship between SOM and bulk density (Bernoux et al. 1998; Feller and Beare 1997).

Management exerts strong impacts on plant:soil interactions, which could partially explain the lack of straight relationships between these components. One conspicuous result of our study is the absence of any significant relationship between topsoil OM-content and nutrient-concentrations or pH. In CPA (and partially in EFA), this can be attributed to liming (CPA only) and localized synthetic fertilizer inputs. The low estimates of plants < 10cm dbh and littermass in the homegardens likely reflect the management-practice of keeping the undergrowth and soil surface clean around the houses.

Co-inertia analysis helps us to synthesize the multivariate relationships between aboveground biomass, litter and soil indicators. Overall vegetation-impacts on the topsoil were stronger in spontaneous forests than in agroforests. Futhermore, we were able to identify two systems (CPA and HA) where this plant-soil discontinuity occurs.

4.5 The special case of homegardens

Ubiquitary homegardens have developed independently in many different cultures throughout both the humid and semi-arid tropics (Nair 2001). They are known as complex multistrata systems, typically with high plant diversity (Jose 2012) and are subsistence- rather than market-oriented (Mohri et al. 2013). In addition to the productive functions, homegardens provide vital shade.

Ubiquitary homegardens are special a.o. with their specific 'sweep-and-burn' fire-regime of the litter-layer (Winklerprins 2009; Benjamin et al. 2001), practiced mainly by women, in order to reduce insects and keep the homegarden 'clean'around the farmer´s houses. Benjamin et al. (2001) suggest that this could offset carbon-liberation and negatively affect nutrient cycling(Benjamin et al. 2001)..By contrast, our study points to positive effects of sweep-and-burn, we attribute the high topsoil K-concentrations to the low-intensity spatially irregular burns of litter piles, which could also have caused local hotspots with high P-concentrations. Such soil heterogeneity could create a mosaic of soil conditions which should positively impact ecosystem-stability (Tittonell et al. 2013). By contrast, pH–values were low in homegardens, similar with mature rainforest and significantly lower than in all other systems. This could be due to the low temperatures of burning piles, insufficient to change pH (Certini 2005). Pinho et al. (2011) likewise report on higher values of soil K-concentrations and widespread values of P-concentration in homegardens of Roraima, Brazil. Sweep-and-burn of litter-piles combines quick nutrient-mineralization and the creation of spatial heterogeneity with protection against leaching by the large trees with dense canopies and root systems.

In spite of their ubiquitarity (Kumar and Nair 2004), ecological sustainability (Mohri et al. 2013) and socioeconomic success (Cardozo 2013; Alam 2011), homegarden agroforests still are definitely under-researched (Nair 2014). Complex geometries and interactions have so far largely evaded science (Seneviratne et al. 2010), and homegarden agroforests have never been part of systematic agronomic improvement-efforts (Kumar and Nair 2004). Their high between-site data-variability points to a substantial potential for management improvements (optimized composition, spacing, pruning etc).

5. Conclusions

We find strong impacts of land use on soil-quality indicators and aboveground biomass, within agroforests partly related to contrasting effects of understory and soil management, whereas changes in spontaneous forests are related to the successional regrowth trajectories and long-term effects of fire. Plant-soil interrelationships were weaker in agroforests than in spontaneous forests, consequence of management. Alltogether, biomass of the agroforests was statistically similar with mature rainforests and litter and topsoil nutrients were higher than in young secondary forests, confirming their ecological sustainability and potential as alternative to slash-and-burn in eastern Amazonia. Our study confirms the exceptional standing of homegarden agroforestry, due to the conspicuous combination of high biomass and hotspots of P- and K-availability, this definitely warrants more research.

Acknowledgments

Research was partially financed by the Research Fund of Maranhão State (FAPEMA) and by the Brazilian Council of Higher Education (CAPES). We thank INCRA (Federal Colonization and Land Reform Agency), Embrapa Eastern-Amazonia, MST (Movement of the Landless) and the Mixed Agricultural Cooperative of Tomé-açu (CAMTA) for their invaluable practical and infrastructure support, and Waldeir Brito for his aid with multivariate-vector graphics.

References

Alam M (2011) Tropical Homegardens in Bangladesh: Characteristics and Sustainability. In: Lichtfouse E (ed) Alternative Farming Systems, Biotechnology, Drought Stress and Ecological Fertilisation, vol 6. Sustainable Agriculture Reviews. Springer Netherlands, pp 245-262. doi:10.1007/978-94-007-0186-1_8

Arevalo LA, Alegre JC, Vilcahuaman LJM (2002) Metodologia para estimar o estoque de carbono em diferentes sistemas de uso da terra. Documentos 73. Embrapa Floresta, Colombo, PR

Atangana A, Khasa D, Chang S, Degrande A (2014) Major Agroforestry Systems of the Humid Tropics. In: Tropical Agroforestry. Springer Netherlands, pp 49-93. doi:10.1007/978-94-007-7723-1_4

Bae K, Lee D, Fahey T, Woo S, Quaye A, Lee Y-K (2013) Seasonal variation of soil respiration rates in a secondary forest and agroforestry systems. Agroforestry Systems 87 (1):131-139. doi:10.1007/s10457-012-9530-8

Benjamin TJ, Montañez PI, Jaménez JJM, Gillespie AR (2001) Carbon, water and nutrient flux in Maya homegardens in the Yucatán peninsula of México. Agroforestry Systems 53 (2):103-111. doi:10.1023/a:1013312217471

Bernoux M, Cerri C, Arrouays D, Jolivet C, Volkoff B (1998) Bulk Densities of Brazilian Amazon Soils Related to Other Soil Properties. Soil Sci Soc Am J 62 (3):743-749. doi:10.2136/sssaj1998.03615995006200030029x

Boddey RM, Xavier DF, Alves BJR, Urquiaga S (2003) Brazilian Agriculture: The Transition to Sustainability. Journal of Crop Production 9 (1-2):593-621. doi:10.1300/J144v09n01_10

Brown MB, Forsythe AB (1974) Robust Tests for the Equality of Variances. Journal of the American Statistical Association 69 (346):364-367. doi:10.2307/2285659

Cardozo EG (2013) Diversidade de espécies aumenta a renda em sistemas agroflorestais na Amazônia Oriental. Dissertation, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís

Certini G (2005) Effects of fire on properties of forest soils: a review. Oecologia 143 (1):1-10. doi:10.1007/s00442-004-1788-8

Chessel D, Dufour AB, Thioulouse J (2004) The ade4 package-I- One-table methods. R News (4):5-10

Constantinides M, Fownes JH (1994) Nitrogen mineralization from leaves and litter of tropical plants: Relationship to nitrogen, lignin and soluble polyphenol concentrations. Soil Biology and Biochemistry 26 (1):49-55. doi:http://dx.doi.org/10.1016/0038-0717(94)90194-5

Culhane A, Perrière G, Higgins D (2003) Cross-platform comparison and visualisation of gene expression data using co-inertia analysis. BMC Bioinformatics 4 (1):1-15. doi:10.1186/1471-2105-4-59

Davidson E, de Carvalho C, Figueira A, Ishida F, Ometto J, Nardoto G, Sabá R, Hayashi S, Leal E, Vieira I, Martinelli L (2007) Recuperation of nitrogen cycling in Amazonian forests following agricultural abandonment. Nature 447 (7147):995-998. doi:10.1038/nature05900

de las Heras A, Lake IR, Lovett A, Peres C (2011) Future deforestation drivers in an Amazonian ranching frontier. Journal of Land Use Science 7 (4):365-393. doi:10.1080/1747423x.2011.590234

Desjardins T, Barros E, Sarrazin M, Girardin C, Mariotti A (2004) Effects of forest conversion to pasture on soil carbon content and dynamics in Brazilian Amazonia. Agriculture, Ecosystems & Environment 103 (2):365-373. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.agee.2003.12.008

Dray S, Chessel D, Thioulouse J (2003) Co-inertia analysis and the linking of ecological data tables. Ecology 84 (11):3078-3089

Embrapa (1997) Manual de métodos de análise de solo. Rio de Janeiro: Embrapa Solos

Feller C, Beare MH (1997) Physical control of soil organic matter dynamics in the tropics. Geoderma 79 (1–4):69-116. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S0016-7061(97)00039-6

Franquet E, Dolédec S, Chessel D (1995) Using multiviriate analyses for separating spatial and temporal effects within species-environment relationships. Hydrobiologia 300-301 (1):425-431. doi:10.1007/bf00024484

Gehring C, Park S, Denich M (2004) Liana allometric biomass equations for Amazonian primary and secondary forest. Forest Ecology and Management 195 (1–2):69-83. doi:10.1016/j.foreco.2004.02.054

Gehring C, Park S, Denich M (2008) Close relationship between diameters at 30cm height and at breast height (DBH). Acta Amazonica 38:71-76

Gehring C, Vlek PLG, de Souza LAG, Denich M (2005) Biological nitrogen fixation in secondary regrowth and mature rainforest of central Amazonia. Agriculture, Ecosystems & Environment 111 (1–4):237-252. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.agee.2005.06.009

Gehring C, Zelarayán MLC, Almeida RB, Moraes FHR (2011) Allometry of the babassu palm growing on a slash-and-burn agroecosystem of the eastern periphery of Amazonia. Acta Amazonica 41:127-134

Hauser S, Norgrove L (2013) Effects of Slash-and-Burn Agriculture. In: Levin SA (ed) Encyclopedia of Biodiversity (Second Edition). Academic Press, Waltham, pp 551-562. doi:http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-384719-5.00125-8

Hobbie SE, Reich PB, Oleksyn J, Ogdahl M, Zytkowiak R, Hale C, Karolewski P (2006) Tree species effects on decomposition and forest floor dynamics in a common garden. Ecology 87 (9):2288-2297. doi:10.1890/0012-9658(2006)87[2288:tseoda]2.0.co;2

IAC (2001) Análise química para avaliação da fertilidade de solos tropicais. Instituto Agronômico, Campinas

Jose S (2012) Agroforestry for conserving and enhancing biodiversity. Agroforestry Systems 85 (1):1-8. doi:10.1007/s10457-012-9517-5

Kato OR, Lunz AM, Bispo CJC, Carvalho CJRd, Miranda IS, Takamatsu J, Maués MM, Gerhard P, Azevedo Rd, Vasconcelos SS, Honhwald S, Lemos WdP (2009) Projeto dendê: sistemas agroflorestais na agricultura familiar (Oilpalm Project: Agroforestry systems in smallholder agriculture). Embrapa Eastern Amazonia

Keller M, Palace M, Hurtt G (2001) Biomass estimation in the Tapajos National Forest, Brazil: Examination of sampling and allometric uncertainties. Forest Ecology and Management 154 (3):371-382. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S0378-1127(01)00509-6

Klute A, Campbell GS, Nielsen DR, Jackson RD, Mortland MN (1986) Methods of soil analysis – Physical and mineralogical methods. Soil Science Society of America, Madison, WI

Kumar B, Nair P (2004) The enigma of tropical homegardens. New Vistas in Agroforestry. doi:10.1007/978-94-017-2424-1_10

Lavelle P, Rodríguez N, Arguello O, Bernal J, Botero C, Chaparro P, Gómez Y, Gutiérrez A, Hurtado MdP, Loaiza S, Pullido SX, Rodríguez E, Sanabria C, Velásquez E, Fonte SJ (2014) Soil ecosystem services and land use in the rapidly changing Orinoco River Basin of Colombia. Agriculture, Ecosystems & Environment 185 (0):106-117. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.agee.2013.12.020

Lawrence D, Radel C, Tully K, Schmook B, Schneider L (2010) Untangling a Decline in Tropical Forest Resilience: Constraints on the Sustainability of Shifting Cultivation Across the Globe. Biotropica 42 (1):21-30. doi:10.1111/j.1744-7429.2009.00599.x

Lin BB (2011) Resilience in Agriculture through Crop Diversification: Adaptive Management for Environmental Change. BioScience 61 (3):183-193. doi:10.1525/bio.2011.61.3.4

Lorenz K, Lal R, Preston CM, Nierop KGJ (2007) Strengthening the soil organic carbon pool by increasing contributions from recalcitrant aliphatic bio(macro)molecules. Geoderma 142 (1–2):1-10. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.geoderma.2007.07.013

Markewitz D, Davidson E, Moutinho P, Nepstad D (2004) Nutrient loss and redistribution after forest clearing on a highly weathered soil in amazonia. Ecological Applications 14 (sp4):177-199. doi:10.1890/01-6016

McGrath DA, Comerford NB, Duryea ML (2000) Litter dynamics and monthly fluctuations in soil phosphorus availability in an Amazonian agroforest. Forest Ecology and Management 131 (1–3):167-181. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S0378-1127(99)00207-8

Moço MKS, Gama-Rodrigues EF, Gama-Rodrigues AC, Machado RCR, Baligar VC (2010) Relationships between invertebrate communities, litter quality and soil attributes under different cacao agroforestry systems in the south of Bahia, Brazil. Applied Soil Ecology 46 (3):347-354. doi:10.1016/j.apsoil.2010.10.006

Mohri H, Lahoti S, Saito O, Mahalingam A, Gunatilleke N, Irham, Hoang VT, Hitinayake G, Takeuchi K, Herath S (2013) Assessment of ecosystem services in homegarden systems in Indonesia, Sri Lanka, and Vietnam. Ecosystem Services 5 (0):124-136. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.ecoser.2013.07.006

Muchavisoy HM (2013) Estoque de carbono em florestas, capoeiras e sistemas agroflorestais da Amazônia Oriental. Dissertation, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís

Myers RJK, Palm CA, Cuevas E, Gunatilleke IUN, Brossard M (1994) The synchronisation of nutrient mineralisation and plant nutrient demand. In: Woomer PL, Swift MJ (eds) The biological management of tropical soil fertility. J. Wiley ; Sayce, Chichester (GBR) ; Londres, pp 81-116

Nair PKR (1991) State-of-the-art of agroforestry systems. Forest Ecology and Management 45 (1–4):5-29. doi:10.1016/0378-1127(91)90203-8

Nair PKR (2001) Do tropical homegardens elude science, or is it the other way around? Agroforestry Systems 53 (2):239-245. doi:10.1023/a:1013388806993

Nair PKR (2013) Agroforestry: Trees in Support of Sustainable Agriculture. In: Reference Module in Earth Systems and Environmental Sciences. Elsevier. doi:http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-409548-9.05088-0

Nelson BW, Mesquita R, Pereira JLG, Garcia Aquino de Souza S, Teixeira Batista G, Bovino Couto L (1999) Allometric regressions for improved estimate of secondary forest biomass in the central Amazon. Forest Ecology and Management 117 (1–3):149-167. doi:10.1016/s0378-1127(98)00475-7

Overman JPM, Witte HJL, Saldarriaga JG (1994) Evaluation of regression models for above-ground biomass determination in Amazon rainforest. Journal of Tropical Ecology 10 (2):207-2018

Pinho RC, Alfaia SSA, Miller RP, Uguen K, Magalhães LD, Ayres M, Freitas V, Trancose R (2011) Islands of fertility: Soil improvement under indigenous homegardens in the savannas of Roraima, Brazil. Agroforestry Systems 81. doi:10.1007/s10457-010-9336-5

Pinho RC, Miller RP, Alfaia SS (2012) Agroforestry and the Improvement of Soil Fertility: A View from Amazonia. Applied and Environmental Soil Science 2012. doi:10.1155/2012/616383

Pollini J (2009) Agroforestry and the search for alternatives to slash-and-burn cultivation: From technological optimism to a political economy of deforestation. Agriculture, Ecosystems & Environment 133 (1–2):48-60. doi:10.1016/j.agee.2009.05.002

Power AG (2010) Ecosystem services and agriculture: tradeoffs and synergies. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences 365 (1554):2959-2971. doi:10.1098/rstb.2010.0143

R Development Core Team (2007) R: A Language and Environment for Statistical Computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria

Raison RJ, Khanna PK, Woods PV (1985) Mechanisms of element transfer to the atmosphere during vegetation fires. Canadian Journal of Forest Research 15 (1):132-140. doi:10.1139/x85-022

Read L, Lawrence D (2003) Recovery of biomass following shifting cultivation in dry tropical forests of the Yucatan. Ecological Applications 13 (1):85-97. doi:10.1890/1051-0761(2003)013[0085:robfsc]2.0.co;2

Rhoades C (1996) Single-tree influences on soil properties in agroforestry: lessons from natural forest and savanna ecosystems. Agroforestry Systems 35 (1):71-94. doi:10.1007/bf02345330

Romesburg HC (1985) Exploring, confirming, and randomization tests. Computers & Geosciences 11 (1):19-37. doi:http://dx.doi.org/10.1016/0098-3004(85)90036-6

Rossi J-P, Blanchart E (2005) Seasonal and land-use induced variations of soil macrofauna composition in the Western Ghats, southern India. Soil Biology and Biochemistry 37 (6):1093-1104. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.soilbio.2004.11.008

Satyam Verma SJ (2012) Impact of forest fire on physical, chemical and biological properties of soil: A review. Proceedings of the International Academy of Ecology and Environmental Sciences 2 (3):168-176

Schroth G, Lehmann J, Rodrigues M, Barros E, Macêdo J (2001) Plant-soil interactions in multistrata agroforestry in the humid tropicsa. Agroforestry Systems 53 (2):85-102. doi:10.1023/a:1013360000633

Schwinning S, Weiner J (1998) Mechanisms determining the degree of size asymmetry in competition among plants. Oecologia 113 (4):447-455. doi:10.1007/s004420050397

Seneviratne G, Kuruppuarachchi KACN, Somaratne S, Seneviratne KACN (2010) Nutrient Cycling and Safety-net Mechanism in the Tropical Homegardens. International Journal of Agricultural Research 5 (7):529-542

Shukla MK, Lal R, Ebinger M (2006) Determining soil quality indicators by factor analysis. Soil and Tillage Research 87 (2):194-204. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.still.2005.03.011

Silver WL, Ostertag R, Lugo AE (2000) The Potential for Carbon Sequestration Through Reforestation of Abandoned Tropical Agricultural and Pasture Lands. Restoration Ecology 8 (4):394-407. doi:10.1046/j.1526-100x.2000.80054.x

Six J, Conant RT, Paul EA, Paustian K (2002) Stabilization mechanisms of soil organic matter: Implications for C-saturation of soils. Plant and Soil 241 (2):155-176. doi:10.1023/a:1016125726789

Souza H, Graaff J, Pulleman M (2012) Strategies and economics of farming systems with coffee in the Atlantic Rainforest Biome. Agroforestry Systems 84 (2):227-242. doi:10.1007/s10457-011-9452-x

Styger E, Rakotondramasy HM, Pfeffer MJ, Fernandes ECM, Bates DM (2007) Influence of slash-and-burn farming practices on fallow succession and land degradation in the rainforest region of Madagascar. Agriculture, Ecosystems & Environment 119 (3–4):257-269. doi:10.1016/j.agee.2006.07.012

Tedesco MJ, Gianello C, Bissani CA, Bohnen H, Volkweiss SJ (1995) Análise de Solo, Plantas e Outros Materiais. 2ª edn. UFRGS, Porto Alegre

Thiele-Bruhn S, Bloem J, de Vries FT, Kalbitz K, Wagg C (2012) Linking soil biodiversity and agricultural soil management. Current Opinion in Environmental Sustainability 4 (5):523-528. doi:http://dx.doi.org/10.1016/j.cosust.2012.06.004

Thioulouse J, Chessel D, Dole´dec S, Olivier J-M (1997) ADE-4: a multivariate analysis and graphical display software. Statistics and Computing 7 (1):75-83. doi:10.1023/a:1018513530268

Tittonell P, Muriuki A, Klapwijk CJ, Shepherd KD, Coe R, Vanlauwe B (2013) Soil Heterogeneity and Soil Fertility Gradients in Smallholder Farms of the East African Highlands. Soil Sci Soc Am J 77 (2):525-538. doi:10.2136/sssaj2012.0250

Tu L-H, Hu H-L, Hu T-X, Zhang J, Liu L, Li R-H, Dai H-Z, Luo S-H (2011) Decomposition of Different Litter Fractions in a Subtropical Bamboo Ecosystem as Affected by Experimental Nitrogen Deposition. Pedosphere 21 (6):685-695. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S1002-0160(11)60171-9

USDA SSS (2010) Keys to Soil Taxonomy. 11 edn. Department of Agriculture Natural Resources Conservation, Washington, DC

van der Putten WH, Bardgett RD, Bever JD, Bezemer TM, Casper BB, Fukami T, Kardol P, Klironomos JN, Kulmatiski A, Schweitzer JA, Suding KN, Van de Voorde TFJ, Wardle DA (2013) Plant–soil feedbacks: the past, the present and future challenges. Journal of Ecology 101 (2):265-276. doi:10.1111/1365-2745.12054

Van Noordwijk M, Garrity DP (1995) Nutrient use efficiency in agroforestry systems. Potassium in Asia, Balanced Fertilization to Increase and Sustain Agricultural Production. International Potash Institute, Switzerland

Van Wagner CE (1968) The Line Intersect Method in Forest Fuel Sampling. Forest Science 14 (1):20-26

Varma A (2003) The economics of slash and burn: a case study of the 1997–1998 Indonesian forest fires. Ecological Economics 46 (1):159-171. doi:http://dx.doi.org/10.1016/S0921-8009(03)00139-3

Wakelin SA, Macdonald LM, O'Callaghan M, Forrester ST, Condron LM (2014) Soil functional resistance and stability are linked to different ecosystem properties. Austral Ecology:n/a-n/a. doi:10.1111/aec.12112

Walkley A, Black IA (1934) An Examination of the Degtjareff Method for Determining Soil Organic Matter, and A Proposed Modification of the Chromic Acid Titration Method. Soil Sci 37 (1):29-38

Winklerprins A (2009) Sweep and Char and the Creation of Amazonian Dark Earths in Homegardens. In: Woods W, Teixeira W, Lehmann J, Steiner C, WinklerPrins A, Rebellato L (eds) Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision. Springer Netherlands, pp 205-211. doi:10.1007/978-1-4020-9031-8_10

Xu Y, Xu Z, Cai Z, Reverchon F (2013) Review of denitrification in tropical and subtropical soils of terrestrial ecosystems. Journal of Soils and Sediments 13 (4):699-710. doi:10.1007/s11368-013-0650-1

FIGURE HEADINGS

Fig. 1 – Number (in brackets) and distribution of the 32 study sites within the 2 regional clusters and 5 counties.

Fig. 2. Sampling-unit with differently-sized and replicated sampling-areas for vegetation, litter and topsoil.

Fig. 3 – (a) Total aboveground biomass and biomass of small (<10 cm dbh) trees, lianas, shrubs and herbaceous plants and (b) twigs and leaf litter in the understory of spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. The letters in brackets corresponds to the Spjøtfoll-Stoline test for spontaneous forests only, at a 10% probability-level.

Fig. 4 – (a) Topsoil (0-20 cm) organic matter (OM) concentration and bulk soil density, and (b) pH-values and resin-extractable P-concentrations in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. The letters in brackets corresponds to the Spjøtfoll-Stoline test for spontaneous forests group. Lines and Boxes represent medians and 25-75 percentiles of P concentrations, respectively, whiskers are the 90 and 10 percentiles.

Fig. 5. Topsoil 0-20 cm) concentrations of K and Ca in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level.

Fig. 6 – Leaf litter N-concentrations (a) and Carbon:Nitrogen ratios in leaf litter (b) of spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. Lines and Boxes represent medians and 25-75 percentiles, respectively, whiskers are the 90 and 10 percentiles. Systems with the same letter don't differ between another, as indicated by Dunn's nonparametric test at the 5% probability-level.

Fig. 7 – Total aboveground biomass (TAGB) and biomass of plants smaller than 10 cm dbh (AGB <10) in areas with contrasting fire-regimes (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level.

Fig. 8 – (a) Biomass of total litter, and (b) of leaf and twig litter in the rainy-season O-horizon in systems with contrasting fire-regimes (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at a 7% probability-level for total litter biomass and for leaf litter and at an 8% probability-level for twig litter biomass.

Fig. 9 – Topsoil (0-20 cm) K- and Ca-concentrations and pH values in systems with different fire-regimes (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level and at 6% for soil Ca-concentration.

Fig. 10 – Relationships between (a) the aboveground biomass of plants larger than 10 cm (AGB ≥ 10 cm) and plant biomass smaller than 10 cm dbh (AGB < 10 cm), and (b) the aboveground biomass of plants smaller than 10 cm (AGB < 10 cm) and total litter biomass (leaves and twigs) in spontaneous forests (closed symbols) and agroforests (open symbols) (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest).

Fig. 11 – Relationships (a) between twig biomass and topsoil organic matter content, and (b) between total litter biomass (leaves and twigs) and topsoil available P-concentrations and (c) K-concentrations in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest).

Fig. 12 – Relationships between topsoil (a) clay content and organic matter, and (b) organic matter and bulk soil density in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest).

Fig. 13 – (a) Principal Component Analysis (PCA) over the 32 sites of spontaneous forests and agroforests in eastern Amazonia, and (b) PCA correlation circle of soil physical and chemical indicators and vegetation components (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest)

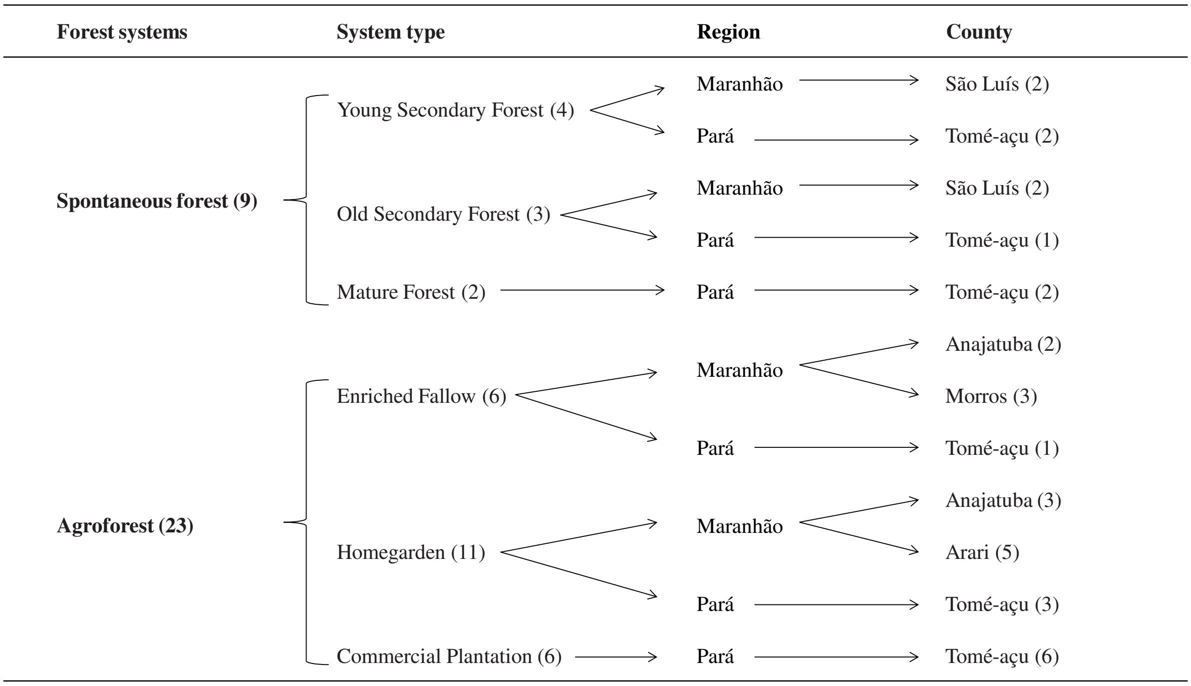
Fig. 14 – Between-class analysis (BCA) of the 32 sites of spontaneous forests and agroforestry systems in eastern Amazonia (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). The inertia between classes was of 30.29%, the Monte Carlo permutation level of significance was P=0.001.

Fig. 15 – Between-class analysis (BCA) over 20 sites (excluding EFA and CPA) in eastern Amazonia, (a) grouped by forest systems (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; HA = Homegarden Agroforests); and (b) grouped by fire regime (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). . The inertia between classes was of 34.67% (a) and 39.68% (b), the Monte Carlo permutation level of significance was P=0.001.

Table 1. Coefficient of matrix correlation (Rv) between tables of soil data-set and biomass data-set for spontaneous forests and agroforestry systems.

Systems	Co-inertia ratio (Rv)	Cumulative project inertia (%)[a]	P[b]
All systems	0.2176*	81.96	0.0429
SFY+SFO+MF	0.7550**	95.14	0.0026
EFA+HA+CPA	0.2573	87.72	0.0817
SFY+SFO+MF+EFA	0.5741**	92.24	0.0035
CPA+HA	0.2942	83.14	0.1213

[a] Total inertia percentage of the two principal axis of CIA; [b] Significance-level based on 9,999 Monte Carlo permutations; * Co-inertia ratio was significant at $P<0.05$; ** Co-inertia was significant at the level of $P<0.01$.



Forest systems	System type	Region	County
Spontaneous forest (9)	Young Secondary Forest (4)	Maranhão	São Luís (2)
		Pará	Tomé-açu (2)
	Old Secondary Forest (3)	Maranhão	São Luís (2)
		Pará	Tomé-açu (1)
	Mature Forest (2)	Pará	Tomé-açu (2)
Agroforest (23)	Enriched Fallow (6)	Maranhão	Anajatuba (2)
			Morros (3)
		Pará	Tomé-açu (1)
	Homegarden (11)	Maranhão	Anajatuba (3)
			Arari (5)
		Pará	Tomé-açu (3)
	Commercial Plantation (6)	Pará	Tomé-açu (6)

Fig. 1 – Number (in brackets) and distribution of the 32 study sites within the 2 regional clusters and 5 counties.

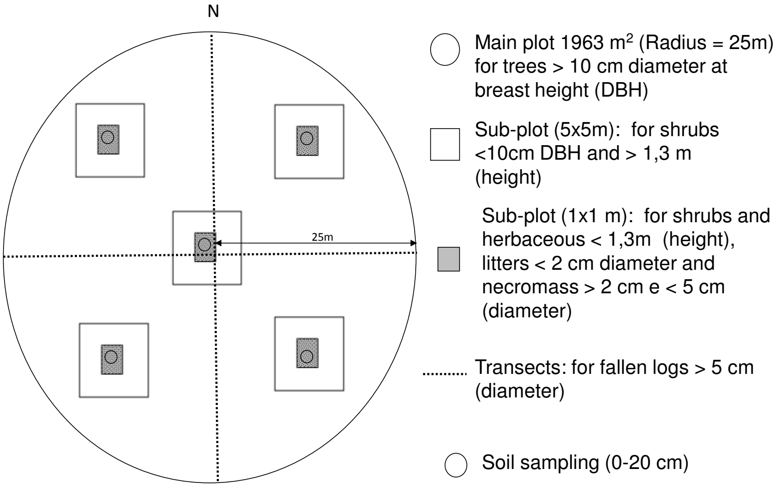


Fig. 2. Sampling-unit with differently-sized and replicated sampling-areas for vegetation, litter and topsoil.

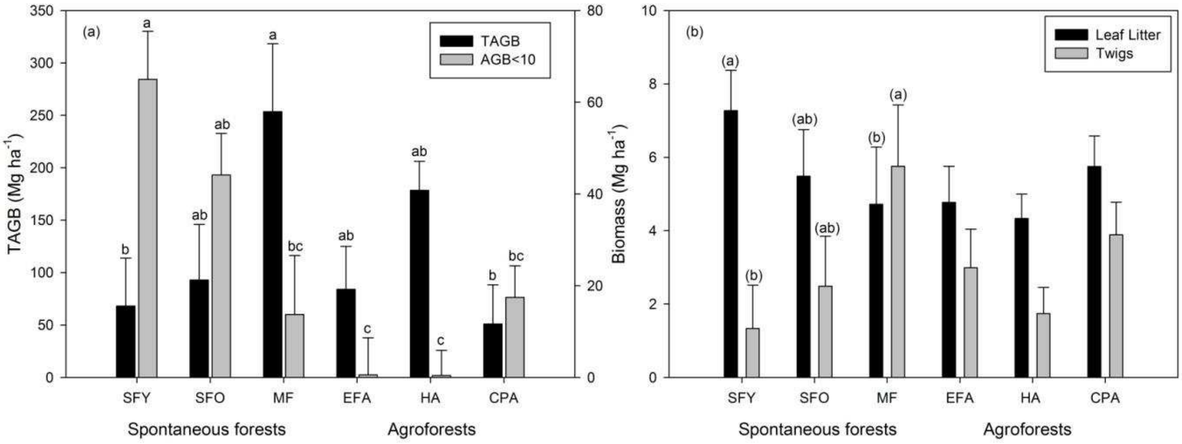


Fig. 3 – (a) Total aboveground biomass and biomass of small (<10 cm dbh) trees, lianas, shrubs and herbaceous plants and (b) twigs and leaf litter in the understory of spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. The letters in brackets corresponds to the Spjøtfoll-Stoline test for spontaneous forests only, at a 10% probability-level.

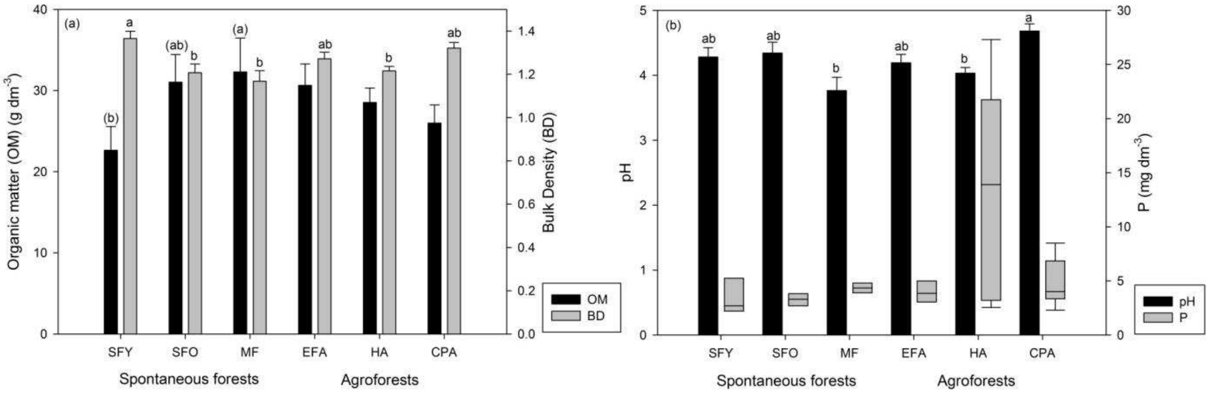


Fig. 4 – (a) Topsoil (0-20 cm) organic matter concentration and bulk soil density, and (b) pH-values and resin-extractable P-concentrations in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. The letters in brackets corresponds to the Spjøtfoll-Stoline test for spontaneous forests group. Lines and Boxes represent medians and 25-75 percentiles of P concentrations, respectively, whiskers are the 90 and 10 percentiles.

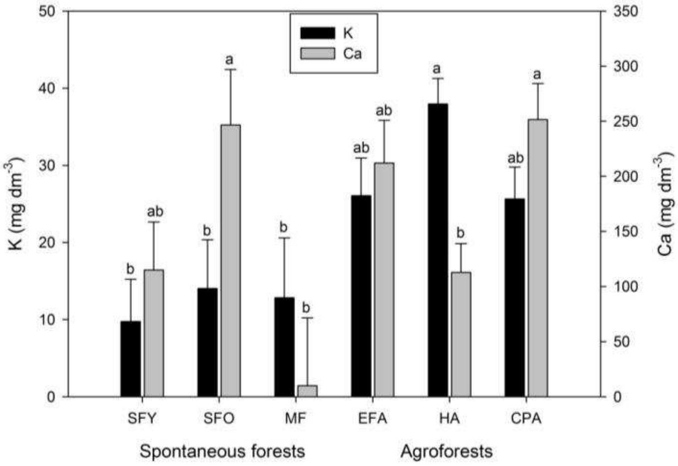


Fig. 5. Topsoil 0-20 cm) concentrations of K and Ca in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level.

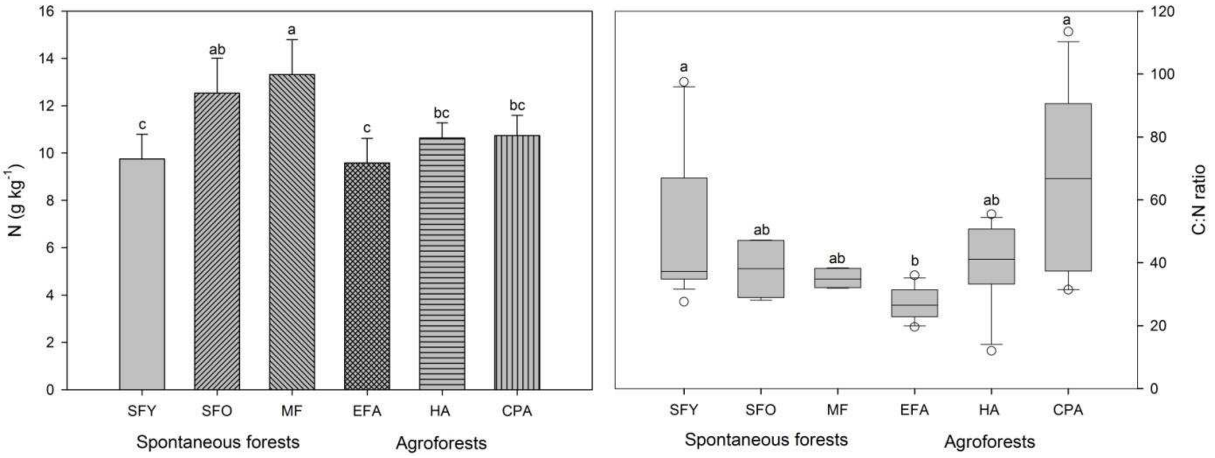


Fig. 6 – Leaf litter N-concentrations (a) and Carbon:Nitrogen ratios in leaf litter (b) of spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. Lines and Boxes represent medians and 25-75 percentiles, respectively, whiskers are the 90 and 10 percentiles. Systems with the same letter don't differ between another, as indicated by Dunn's nonparametric test at the 5% probability-level.

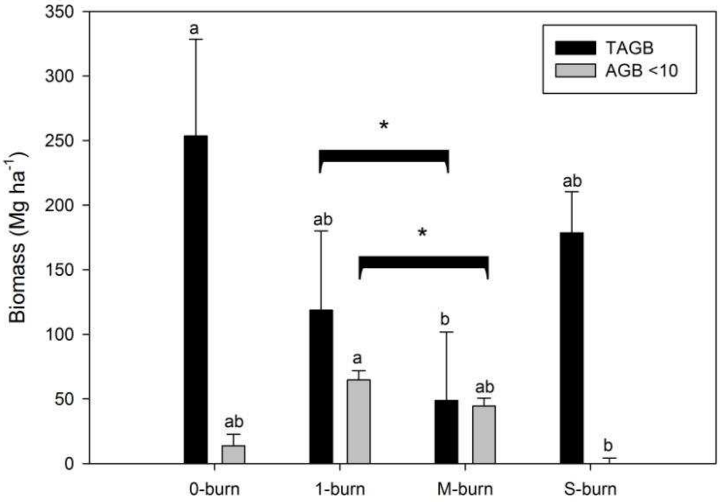


Fig. 7 – Total aboveground biomass (TAGB) and biomass of plants smaller than 10 cm dbh (AGB <10) in areas with contrasting fire-regimes (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level. Means under the same line doesn't differ between each other by the t-test at 5% probability-level.

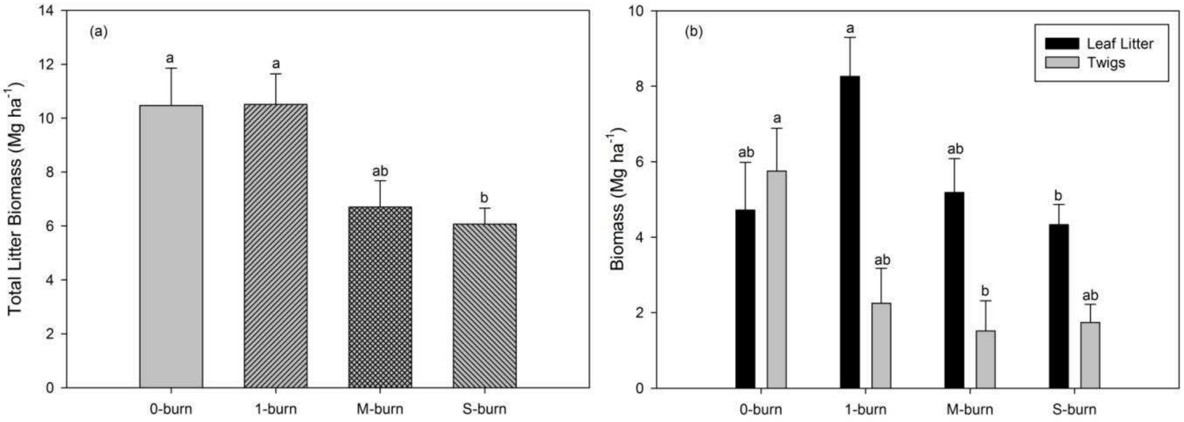


Fig. 8 – (a) Biomass of total litter, and (b) of leaf and twig litter in the rainy-season O-horizon in systems with contrasting fire-regimes (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at a 7% probability-level for total litter biomass and for leaf litter and at an 8% probability-level for twig litter biomass.

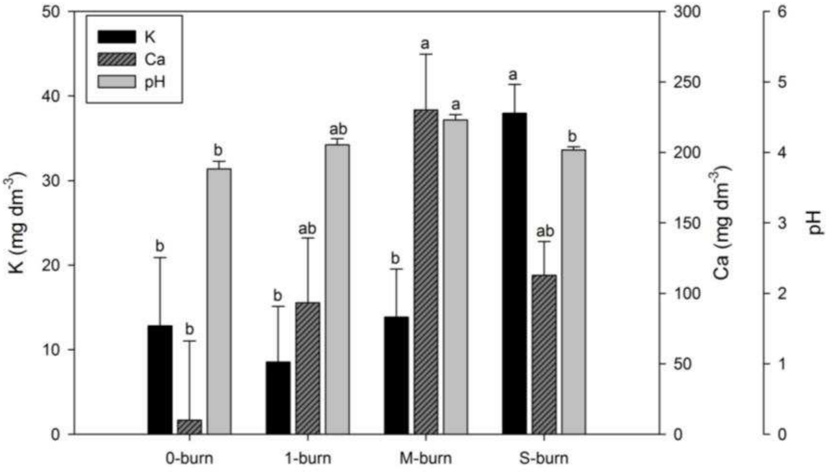


Fig. 9 – Topsoil (0-20 cm) K- and Ca-concentrations and pH values in systems with different fire-regimes (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest). Means+SE followed by the same letter don't differ between another, as indicated by Spjøtfoll-Stoline test at the 5% probability-level and at 6% for soil Ca-concentration.

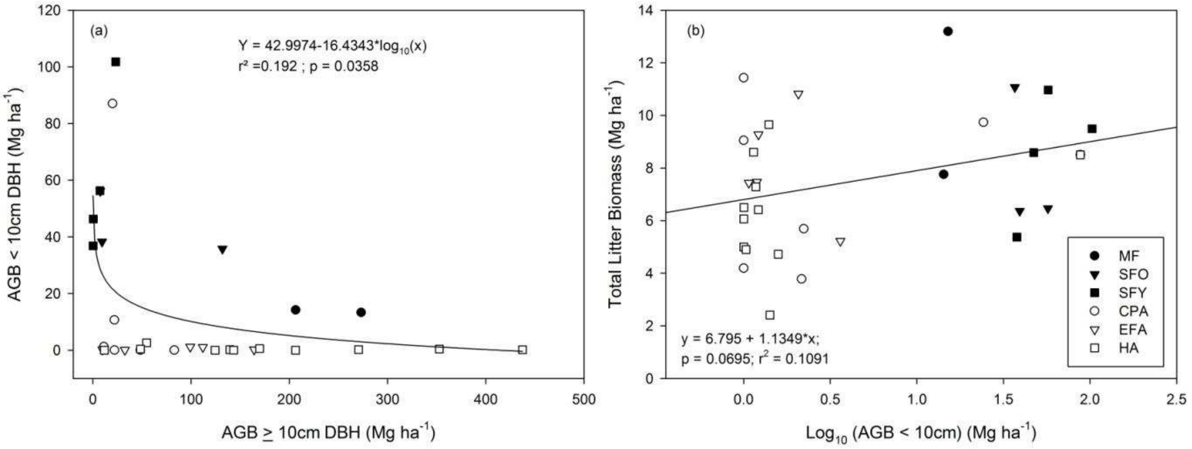


Fig. 10 – Relationships between (a) the aboveground biomass of plants larger than 10 cm (AGB ≥ 10 cm) and plant biomass smaller than 10 cm dbh (AGB < 10 cm), and (b) the aboveground biomass of plants smaller than 10 cm (AGB < 10 cm) and total litter biomass (leaves and twigs) in spontaneous forests (closed symbols) and agroforests (open symbols) (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest).

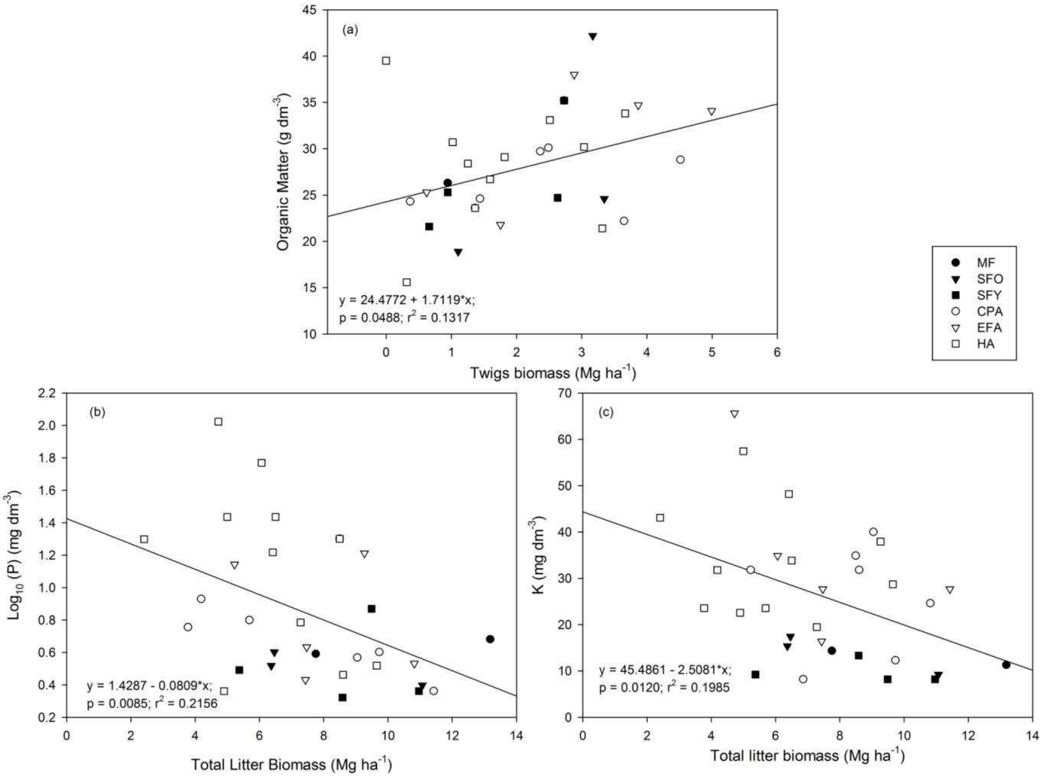


Fig. 11 – Relationships (a) between twig biomass and topsoil organic matter content, and (b) between total litter biomass (leaves and twigs) and topsoil available P-concentrations and (c) K-concentrations in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest).

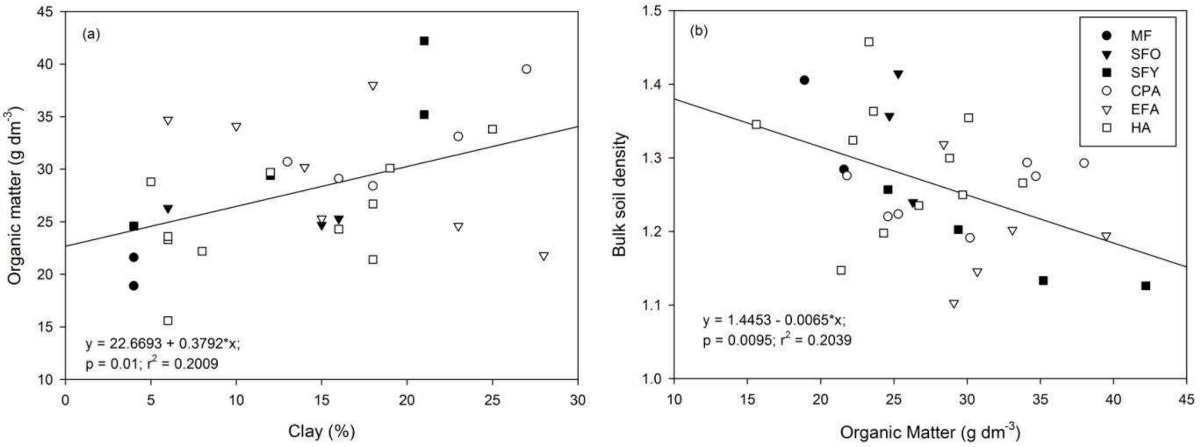


Fig. 12 – Relationships between topsoil (a) clay content and organic matter, and (b) organic matter and bulk soil density in spontaneous forests and agroforests (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest).

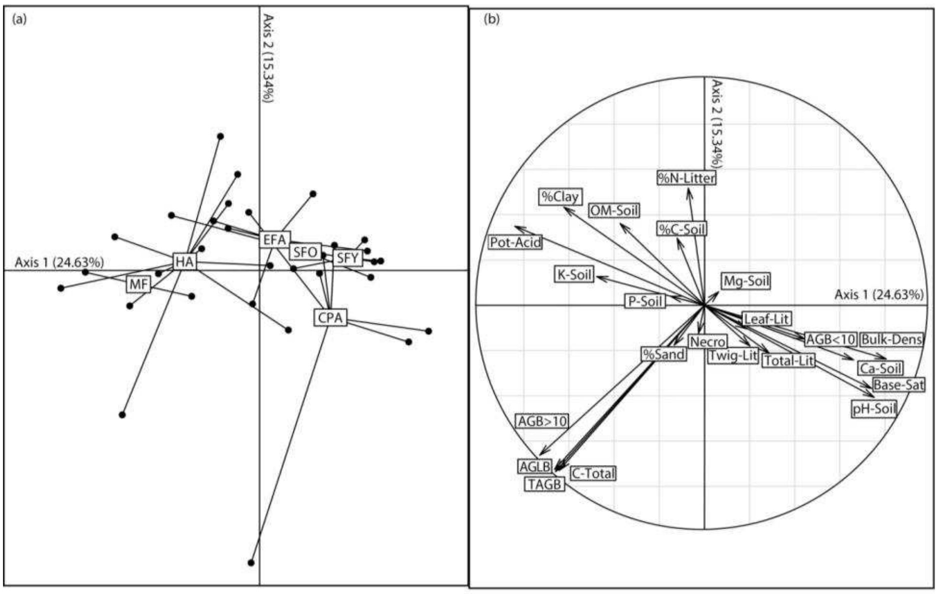


Fig. 13 – (a) Principal Component Analysis (PCA) over the 32 sites of spontaneous forests and agroforests in eastern Amazonia, and (b) PCA correlation circle of soil physical and chemical indicators and vegetation components (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest)

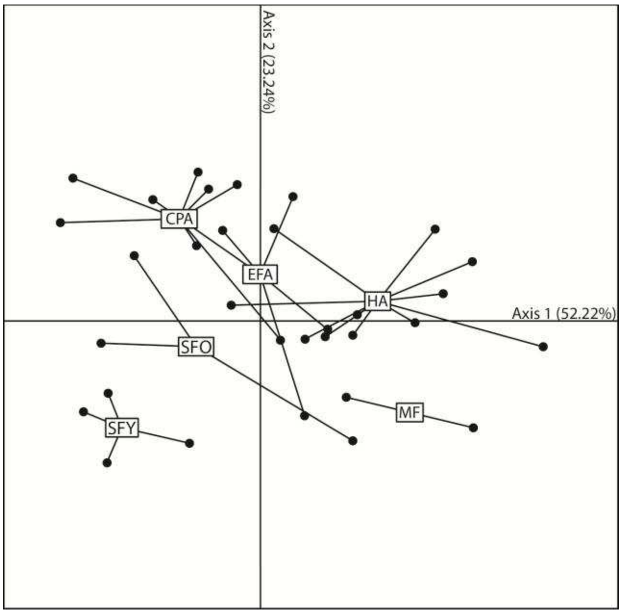


Fig. 14 – Between-class analysis (BCA) of the 32 sites of spontaneous forests and agroforestry systems in eastern Amazonia (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; EFA = Enriched Fallow Agroforest; HA = Homegarden Agroforest; CPA = Commercial Plantation Agroforest)

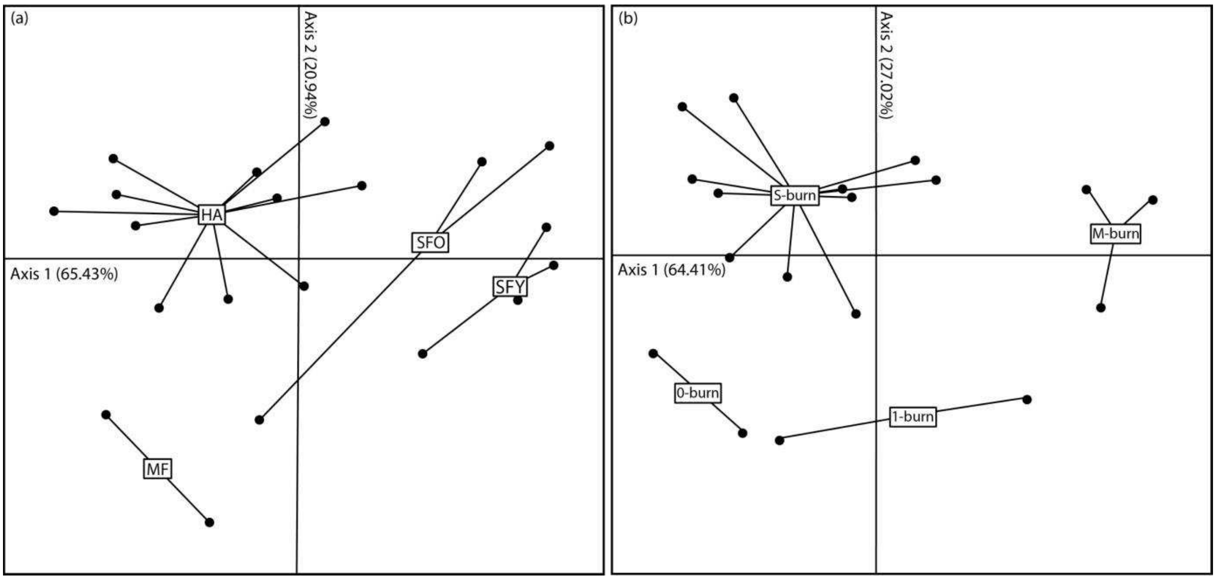
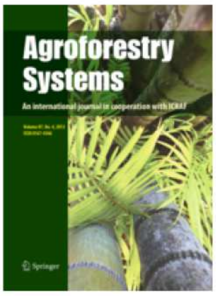


Fig. 15 – Between-class analysis (BCA) over 20 sites (excluding EFA and CPA) in eastern Amazonia, (a) grouped by forest systems (SFY=Young Secondary Forest; SFO = Old Secondary Forest; MF= Mature Forest; HA = Homegarden Agroforests); and (b) grouped by fire regime (0-burn = never-burnt rainforest; 1-burn = first-cycle slash-and-burn secondary forest; M-burn= multi-cycle slash-and-burn secondary forest; S-burn = Sweep-and-burn in homegarden agroforest).

ANEXOS

Springer www.springer.com

Ciências Biológicas - Forestry | Agroforestry Systems - incl. option to publish open access



Agroforestry Systems

An International Journal incorporating Agroforestry Forum

Editor-in-Chief: Shibu Jose

ISSN: 0167-4366 (print version)
ISSN: 1572-9680 (electronic version)

Journal no. 10457

Instructions for Authors

Instructions for Authors

MANUSCRIPT SUBMISSION

Manuscript Submission

Submission of a manuscript implies: that the work described has not been published before; that it is not under consideration for publication anywhere else; that its publication has been approved by all co-authors, if any, as well as by the responsible authorities – tacitly or explicitly – at the institute where the work has been carried out. The publisher will not be held legally responsible should there be any claims for compensation.

Permissions

Authors wishing to include figures, tables, or text passages that have already been published elsewhere are required to obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format and to include evidence that such permission has been granted when submitting their papers. Any material received without such evidence will be assumed to originate from the authors.

Online Submission

Authors should submit their manuscripts online. Electronic submission substantially reduces the editorial processing and reviewing times and shortens overall publication times. Please follow the hyperlink "Submit online" on the right and upload all of your manuscript files following the instructions given on the screen.

TITLE PAGE

Title Page

The title page should include:

- The name(s) of the author(s)

- A concise and informative title
- The affiliation(s) and address(es) of the author(s)
- The e-mail address, telephone and fax numbers of the corresponding author

Abstract

Please provide an abstract of 150 to 250 words. The abstract should not contain any undefined abbreviations or unspecified references.

Keywords

Please provide 4 to 6 keywords which can be used for indexing purposes.

TEXT

Text Formatting

Manuscripts should be submitted in Word.

Use a normal, plain font (e.g., 10-point Times Roman) for text.
Use italics for emphasis.
Use the automatic page numbering function to number the pages.
Do not use field functions.
Use tab stops or other commands for indents, not the space bar.
Use the table function, not spreadsheets, to make tables.
Use the equation editor or MathType for equations.
Save your file in docx format (Word 2007 or higher) or doc format (older Word versions).

Manuscripts with mathematical content can also be submitted in LaTeX.

LaTeX macro package (zip, 182 kB)

Headings

Please use no more than three levels of displayed headings.

Abbreviations

Abbreviations should be defined at first mention and used consistently thereafter.

Footnotes

Footnotes can be used to give additional information, which may include the citation of a reference included in the reference list. They should not consist solely of a reference citation, and they should never include the bibliographic details of a reference. They should also not contain any figures or tables.

Footnotes to the text are numbered consecutively; those to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data). Footnotes to the title or the authors of the article are not given reference symbols.

Always use footnotes instead of endnotes.

Acknowledgments

Acknowledgments of people, grants, funds, etc. should be placed in a separate section before the reference list. The names of funding organizations should be written in full.

SCIENTIFIC STYLE

Please always use internationally accepted signs and symbols for units, SI units.

SCIENTIFIC STYLE

Genus and species names should be in italics.

REFERENCES

Citation

Cite references in the text by name and year in parentheses. Some examples:

- Negotiation research spans many disciplines (Thompson 1990).
- This result was later contradicted by Becker and Seligman (1996).
- This effect has been widely studied (Abbott 1991; Barakat et al. 1995; Kelso and Smith 1998; Medvec et al. 1999).

Reference list

The list of references should only include works that are cited in the text and that have been published or accepted for publication. Personal communications and unpublished works should only be mentioned in the text. Do not use footnotes or endnotes as a substitute for a reference list.

Reference list entries should be alphabetized by the last names of the first author of each work.

Journal article

Gamelin FX, Baquet G, Berthoin S, Thevenet D, Nourry C, Nottin S, Bosquet L (2009) Effect of high intensity intermittent training on heart rate variability in prepubescent children. Eur J Appl Physiol 105:731-738. doi: 10.1007/s00421-008-0955-8

Ideally, the names of all authors should be provided, but the usage of “et al” in long author lists will also be accepted:

Smith J, Jones M Jr, Houghton L et al (1999) Future of health insurance. N Engl J Med 965:325–329

Article by DOI

Slifka MK, Whitton JL (2000) Clinical implications of dysregulated cytokine production. J Mol Med. doi:10.1007/s001090000086

Book

South J, Blass B (2001) The future of modern genomics. Blackwell, London

Book chapter

Brown B, Aaron M (2001) The politics of nature. In: Smith J (ed) The rise of modern genomics, 3rd edn. Wiley, New York, pp 230-257

Online document

Cartwright J (2007) Big stars have weather too. IOP Publishing PhysicsWeb. http://physicsweb.org/articles/news/11/6/16/1. Accessed 26 June 2007

Dissertation

Trent JW (1975) Experimental acute renal failure. Dissertation, University of California

Always use the standard abbreviation of a journal’s name according to the ISSN List of Title Word Abbreviations, see

www.issn.org/2-22661-LTWA-online.php

For authors using EndNote, Springer provides an output style that supports the formatting of in-text citations and reference list.

EndNote style (zip, 3 kB)

TABLES

- All tables are to be numbered using Arabic numerals.
- Tables should always be cited in text in consecutive numerical order.
- For each table, please supply a table caption (title) explaining the components of the table.
- Identify any previously published material by giving the original source in the form of a reference at the end of the table caption.
- Footnotes to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data) and included beneath the table body.

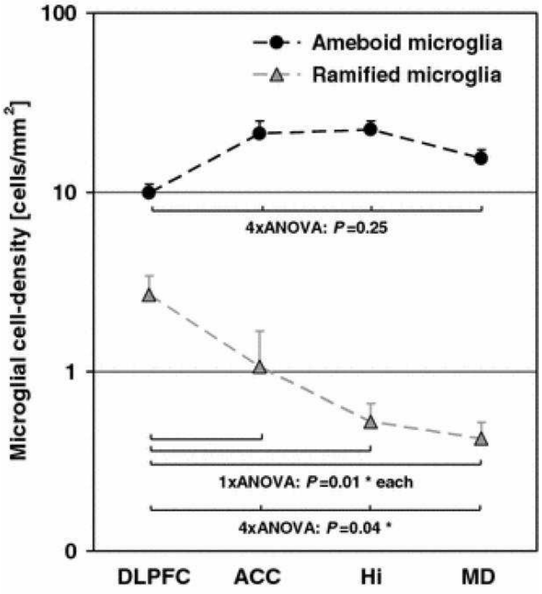
ARTWORK AND ILLUSTRATIONS GUIDELINES

For the best quality final product, it is highly recommended that you submit all of your artwork – photographs, line drawings, etc. – in an electronic format. Your art will then be produced to the highest standards with the greatest accuracy to detail. The published work will directly reflect the quality of the artwork provided.

Electronic Figure Submission

- Supply all figures electronically.
- Indicate what graphics program was used to create the artwork.
- For vector graphics, the preferred format is EPS; for halftones, please use TIFF format. MS Office files are also acceptable.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.
- Name your figure files with "Fig" and the figure number, e.g., Fig1.eps.

Line Art



Definition: Black and white graphic with no shading.

Do not use faint lines and/or lettering and check that all lines and lettering within the figures are legible at final size.

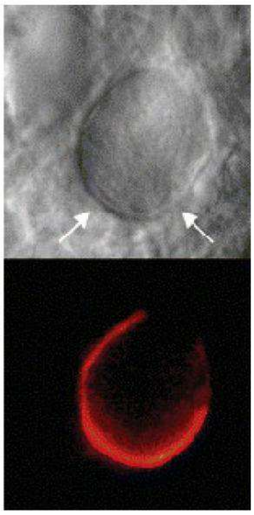
All lines should be at least 0.1 mm (0.3 pt) wide.

Scanned line drawings and line drawings in bitmap format should have a minimum resolution of 1200 dpi.

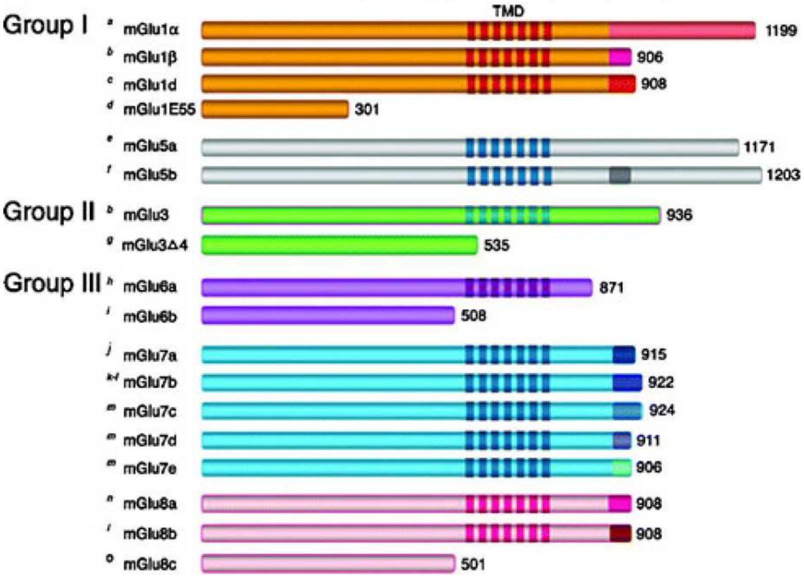
Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.

Halftone Art

- Definition: Photographs, drawings, or paintings with fine shading, etc.
- If any magnification is used in the photographs, indicate this by using scale bars within the figures themselves.
- Halftones should have a minimum resolution of 300 dpi.



Combination Art



- Definition: a combination of halftone and line art, e.g., halftones containing line drawing, extensive lettering, color diagrams, etc.
- Combination artwork should have a minimum resolution of 600 dpi.

Color Art

- Color art is free of charge for online publication.
- If black and white will be shown in the print version, make sure that the main information will still be visible. Many colors are not distinguishable from one another when converted to black and white. A simple way to check this is to make a xerographic copy to see if the necessary distinctions between the different colors are still apparent.
- If the figures will be printed in black and white, do not refer to color in the captions.
- Color illustrations should be submitted as RGB (8 bits per channel).

Figure Lettering

To add lettering, it is best to use Helvetica or Arial (sans serif fonts).

Keep lettering consistently sized throughout your final-sized artwork, usually about 2–3 mm (8–12 pt).

Variance of type size within an illustration should be minimal, e.g., do not use 8-pt type on an axis and 20-pt type for the axis label.

Avoid effects such as shading, outline letters, etc.

Do not include titles or captions within your illustrations.

Figure Numbering

- All figures are to be numbered using Arabic numerals.
- Figures should always be cited in text in consecutive numerical order.
- Figure parts should be denoted by lowercase letters (a, b, c, etc.).
- If an appendix appears in your article and it contains one or more figures, continue the consecutive numbering of the main text. Do not number the appendix figures,

"A1, A2, A3, etc." Figures in online appendices (Electronic Supplementary Material) should, however, be numbered separately.

Figure Captions

Each figure should have a concise caption describing accurately what the figure depicts. Include the captions in the text file of the manuscript, not in the figure file.

Figure captions begin with the term Fig. in bold type, followed by the figure number, also in bold type.

No punctuation is to be included after the number, nor is any punctuation to be placed at the end of the caption.

Identify all elements found in the figure in the figure caption; and use boxes, circles, etc., as coordinate points in graphs.

Identify previously published material by giving the original source in the form of a reference citation at the end of the figure caption.

Figure Placement and Size

- When preparing your figures, size figures to fit in the column width.
- For most journals the figures should be 39 mm, 84 mm, 129 mm, or 174 mm wide and not higher than 234 mm.
- For books and book-sized journals, the figures should be 80 mm or 122 mm wide and not higher than 198 mm.

Permissions

If you include figures that have already been published elsewhere, you must obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format. Please be aware that some publishers do not grant electronic rights for free and that Springer will not be able to refund any costs that may have occurred to receive these permissions. In such cases, material from other sources should be used.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your figures, please make sure that

- All figures have descriptive captions (blind users could then use a text-to-speech software or a text-to-Braille hardware)
- Patterns are used instead of or in addition to colors for conveying information (color-blind users would then be able to distinguish the visual elements)
- Any figure lettering has a contrast ratio of at least 4.5:1

ELECTRONIC SUPPLEMENTARY MATERIAL

Springer accepts electronic multimedia files (animations, movies, audio, etc.) and other supplementary files to be published online along with an article or a book chapter. This feature can add dimension to the author's article, as certain information cannot be printed or is more convenient in electronic form.

Submission

- Supply all supplementary material in standard file formats.
- Please include in each file the following information: article title, journal name, author names; affiliation and e-mail address of the corresponding author.
- To accommodate user downloads, please keep in mind that larger-sized files may require very long download times and that some users may experience other problems during

downloading.

Audio, Video, and Animations

- Always use MPEG-1 (.mpg) format.

Text and Presentations

- Submit your material in PDF format; .doc or .ppt files are not suitable for long-term viability.
- A collection of figures may also be combined in a PDF file.

Spreadsheets

- Spreadsheets should be converted to PDF if no interaction with the data is intended.
- If the readers should be encouraged to make their own calculations, spreadsheets should be submitted as .xls files (MS Excel).

Specialized Formats

- Specialized format such as .pdb (chemical), .wrl (VRML), .nb (Mathematica notebook), and .tex can also be supplied.

Collecting Multiple Files

- It is possible to collect multiple files in a .zip or .gz file.

Numbering

- If supplying any supplementary material, the text must make specific mention of the material as a citation, similar to that of figures and tables.
- Refer to the supplementary files as “Online Resource”, e.g., "... as shown in the animation (Online Resource 3)", “... additional data are given in Online Resource 4”.
- Name the files consecutively, e.g. “ESM_3.mpg”, “ESM_4.pdf”.

Captions

- For each supplementary material, please supply a concise caption describing the content of the file.

Processing of supplementary files

- Electronic supplementary material will be published as received from the author without any conversion, editing, or reformatting.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your supplementary files, please make sure that

- The manuscript contains a descriptive caption for each supplementary material
- Video files do not contain anything that flashes more than three times per second (so that users prone to seizures caused by such effects are not put at risk)

DOES SPRINGER PROVIDE ENGLISH LANGUAGE SUPPORT?

Manuscripts that are accepted for publication will be checked by our copyeditors for spelling and formal style. This may not be sufficient if English is not your native language and substantial editing would be required. In that case, you may want to have your manuscript edited by a native speaker prior to submission. A clear and concise language will help editors and reviewers concentrate on the scientific content of your paper and thus smooth the peer review process.

The following editing service provides language editing for scientific articles in all areas Springer publishes in.

Use of an editing service is neither a requirement nor a guarantee of acceptance for publication.

Please contact the editing service directly to make arrangements for editing and payment.

For Authors from China

文章在投稿前进行专业的语言润色将对作者的投稿进程有所帮助。作者可自愿选择使用Springer推荐的编辑服务，使用与否并不作为判断文章是否被录用的依据。提高文章的语言质量将有助于审稿人理解文章的内容，通过对学术内容的判断来决定文章的取舍，而不会因为语言问题导致直接退稿。作者需自行联系Springer推荐的编辑服务公司，协商编辑事宜。

理文编辑

For Authors from Japan

ジャーナルに論文を投稿する前に、ネイティブ・スピーカーによる英文校閲を希望されている方には、Edanz社をご紹介しています。サービス内容、料金および申込方法など、日本語による詳しい説明はエダンズグループジャパン株式会社の下記サイトをご覧ください。

エダンズ グループ ジャパン

For Authors from Korea

영어 논문 투고에 앞서 원어민에게 영문 교정을 받고자 하시는 분들께 Edanz 회사를 소개해 드립니다. 서비스 내용, 가격 및

신청 방법 등에 대한 자세한 사항은 저희 Edanz Editing Global 웹사이트를 참조해 주시면 감사하겠습니다.

Edanz Editing Global

AFTER ACCEPTANCE

Upon acceptance of your article you will receive a link to the special Author Query Application at Springer's web page where you can sign the Copyright Transfer Statement online and indicate whether you wish to order OpenChoice, offprints, or printing of figures in color.

Once the Author Query Application has been completed, your article will be processed and you will receive the proofs.

Open Choice

In addition to the normal publication process (whereby an article is submitted to the journal and access to that article is granted to customers who have purchased a subscription), Springer provides an alternative publishing option: Springer Open Choice. A Springer Open Choice article receives all the benefits of a regular subscription-based article, but in addition is made available publicly through Springer's online platform SpringerLink.

Springer Open Choice

Copyright transfer

Authors will be asked to transfer copyright of the article to the Publisher (or grant the Publisher exclusive publication and dissemination rights). This will ensure the widest possible protection and dissemination of information under copyright laws.

Open Choice articles do not require transfer of copyright as the copyright remains with the author. In opting for open access, the author(s) agree to publish the article under the Creative Commons Attribution License.

Offprints

Offprints can be ordered by the corresponding author.

Color illustrations

Online publication of color illustrations is free of charge. For color in the print version, authors will be expected to make a contribution towards the extra costs.

Proof reading

The purpose of the proof is to check for typesetting or conversion errors and the completeness and accuracy of the text, tables and figures. Substantial changes in content, e.g., new results, corrected values, title and authorship, are not allowed without the approval of the Editor.

After online publication, further changes can only be made in the form of an Erratum, which will be hyperlinked to the article.

Online First

The article will be published online after receipt of the corrected proofs. This is the official first publication citable with the DOI. After release of the printed version, the paper can also be cited by issue and page numbers.